CERTIDÃO

DO ILLVSTRISSIMO, & Reuerendissimo Senhor D. Francisco dos Martyres Arcebispo de Goa, Primaz da India, do Conselho de S. Magest. &c.

FRey Francisco dos Martyres Arcebispo de Goa, Primaz da India, do Concelho de S. Mag. &c. Certifico, que na era de quarenta passarañ á esta Cidade de Goa hũs Religiosos da sagrada Religiaõ dos Clerigos Regulares, por outro nome Theatinos da Diuina Prouidencia, os quaes saõ nestas Conquistas de muito seruiço de Deos nosso Senhor, & de S. Mag. pela vida exemplar, virtude, & zelo, com que procuraõ a saluação das almas, sem serem molestos a ninguem, & de nenhum perjuizo a esta Republica, por quanto professaõ hũa pobreza estrema, & admirauel de naõ possuir bẽs de raiz, ou renda algũa em commum, nem em particular por nenhum titulo, nem aceitar Missas perpetuas, tanto que nem esmola podem pedir, para soccorrerem suas necessidades, obrigandoos sua sancta Regra a viuerem em tudo dependentes da Diuina Prouidencia das esmolas, que os fieis espontaneamente lhes dão: motiuo para todos os amarem, & estimarem nesta Cidade, aonde estaõ mui bem quistos, & aceitos, por modo que todos os estados desta Republica desejaõ q̃ nella assistão, & sentem notauel desconsolaçaõ, que della se vaõ. E pelo mesmo respeito de taõ estrema pobreza no Reyno de Goloconda (missaõ que na India tomáraõ) hum Religioso delles por nome Dom Francisco

Manco, que foi o primeiro Missionario, que ao dito Reyno passou, foi muito bem recebido daquelle Rey, & seus ministros; & por sua muita virtude, & exemplo, como com a prègação do Euangelho tem feito no dito Reyno muitos seruiços a Deos nosso Senhor na cõuersaõ dos Gentios, & Apostatas, & em acudir a muitos Christãos, que por là andaõ, pondoos no caminho verdadeiro de sua saluaçaõ, os quaes estauão esquecidos de Deos, & de suas almas, por falta de ministros Euangelicos, que não podem acodir a todos os Reynos, & Prouincias desta vinha taõ dilatada do Senhor, por ser muita a sega, & poucos os obreiros. E neste Estado fizeraõ hũa obra de muito seruiço de Deos, sendo principal instrumẽto della o Padre Dom Antonio Ardizone filho da mesma Religião, o qual com practicas, & sermoẽs, que prègou nesta Sé Primacial, & em muitas freguesias desta Cidade, & Ilhas adjacentes, & com outras muitas diligencias que fez, leuado do zelo da saluaçaõ das Almas, procurou que todos os Christãos naturaes destas Conquistas commungassem na Pascoa, & no perigo da morte, conforme o preceito diuino de Christo Senhor nosso, & da Sancta Madre Igreja, vencendo as muitas dificuldades que nisto hauia, de que resultou taõ grande augmento na Sagrada Communhão, que pelas informaçoẽs que tiue, & pelas contas que se lançàraõ, sómente no districto desta Cidade, & Ilha de Goa, & nas Ilhas, & terras adjacentes, de dous para tres annos a esta parte commungaraõ perto de cem mil pessoas que nunca dantes tinhão commungado, alem de outras muitas, que em grande numero começàraõ o commungar no Norte, & no Sul, & em outras partes deste Oriente, adonde se estendeo o zelo do dito Religioso com grande augmento da Sancta Fè Catholica, por muitos se reduzirem a ella por meio desta Communhão gèral, & com notauel melhoramento destas Christanda-

ſtandades,pelas muitas confiſſoẽs geraes que ſe fizeraõ. Procurárão tambem os ditos Religioſos com muito zelo os ſeruiços de S. Mageſtade, concorrendo em ſua feliz acclamação com tantas demonſtraçoẽs de leaes vaſſallos, que eſtão tidos por eſta nobre Cidade de Goa por Portugueſes naturalizados, particularmente o dito Padre Dom Antonio, que acclamou a Sua Mageſtade com tres Sermoẽs,que forão mui aceitos, dous delles a petição da dita nobre Cidade, os quaes prégou neſta Sè Primacial no dia anniuerſario de ſua feliz acclamação, primeiro de Dezembro; & em hum exortou com tanta efficacia o pouo a rogarem todos os dias pela vida,& ſaude de Sua Mageſtade, conſeruaçaõ de ſua caſa Real,& augmento de ſeus Reynos,& Conquiſtas,& pela paz,& concordia dos Principes Chriſtãos, que a ſua petição,& inſtancia mandei em todo o meu Arcebiſpado ſe deſſem todas as noites às oito horas cinco badaladas com o ſino grande em todas as fregueſias,para no dito tempo todos rezarem certas oraçoẽs, para o meſmo fim,a qual deuação por obra do dito Padre ſe foi tambem eſtendendo fora deſte Arcebiſpado pelas terras,& Cidades deſte Eſtado. E outroſi certifico conſtar pelo liuro dos Breues, que ſe conſerua neſta Sé, ſer a meſma Sè eregida em Arcebiſpado á inſtancia do Senhor Rey Dom Sebaſtiaõ no principio de ſeu Reynado pelo ſancto Fundador deſta ſagrada Religiaõ, que foi o Sancto Padre Paulo IV. o qual ſendo Biſpo de Theati (donde vẽ o nome de Theatino) a fundou cõ o B. Caietano principal fundador da meſma ſagrada Religiaõ,& ſẽdo Papa eregeo o dito Arcebiſpado,& fundou neſtas Conquiſtas os Biſpados de Cochim, & Malaca. E por entender que ſora de muito ſeruiço de Deos, & de Sua Mageſtade ficarem os ditos Religioſos neſta Cidade na Ermida em que atè o preſente aſſiſtem, & terem nella ao menos hum hoſpicio, para poderem cõ-

tinuar

tinuar com tantas obras de tanta gloria, & seruiço de Deos, & de S. Magestade, & poderem por este meio acu dir às suas missoẽs, será seu mayor seruiço tomar aos ditos Religiosos debaixo de sua Real protecçaõ, & emparo, & todo o fauor que lhe fizer, será nelles bem empregado, & de muito seruiço de Deos, & de S. Magestade. E eu o estimarei pelo bem espiritual, que da assistẽcia dos ditos Religiosos neste Estado resulta nas minhas ouelhas. E por passar todo o referido na verdade, e juro por minha sagraçaõ, & ser o sinal abaixo meu. Goa 25. de Dezembro 1647.

Locus ✠ Sigilli.

Fr. Francisco dos Martyres
Arcebispo Primâs da India.

THOMAS non erat cum eis quando venit IESVS.
Dixerunt ergo ei alij Discipuli: Vidimus Dominum.

IOAN. 20. *n.* 24.

MVITO ALTOS, E PODEROSOS REYS E SENHORES NOSSOS.

1 A PERFEITA semelhança de duas grandiosas Monarchias, hũa espiritual em Roma, outra temporal neste Reyno, nos seruirá de guia para a acõmodação do Euangelho em dia taõ alegre, & festiual, em que a India tributa suas riquezas a seu glorioso Padroeiro, & Apostolo S. Thomé, & reconhece sojeiçaõ a seu legitimo Rey. A perfeita (digo) semelhança: Porque estas duas Monarchias saõ de Christo com titulo especial de dominio, de que não goza outra nenhũa do mũdo, fundadas immediatamente por elle por hum mesmo modo, & para hum mesmo fim.

2 Fundou Christo sua Monarchia espiritual crucificado no Caluario, dizem os Sanctos Padres, Crucificado no Campo de Ourique fundou esta sua temporal, dizem as historias.

3 A espiritual fundou para si: *Ecclesiam meam*; & entregou a administração ao mais sancto entre os Apostolos, a S. Pedro, & seus successores. Fundou tambem esta temporal para si: *Imperiũ mihi*; & entregou seu gouerno ao mais sancto entre os Reys Portugueses, ao Sancto Rey Dom Affonso Henriques, & seus descendentes.

4 A entrega da Monarchia espiritual foi com chagas gloriosas, com as quaes appareceo a S. Pedro depois de resucitado. A entrega desta temporal foi pelo mesmo modo, com chagas gloriosas, com as quaes appareceo no Ceo ao sancto Rey,

F. Bern. p. 6. da Chronica de Cister. l. 3. c. 3. Vieg l. 4. pag. 132. Almeid da Rest. de Portug. 1. p. c. 5. Sousa do Maior triumph. in prin. Matt. 16. n. 18.

Maldon. in Ioan. cap. 21 n. 15.
Fr. Bern. Vieg. Almei. Souſ. loc. ſupra cit.
Marc. 16. n. 15.
Auth. ſupra cit.
AdEph. ſ. 5. n. 25.
Fr. Bern. Viegas. Souſ. Almeid. loc. ſup. cit.
Mat. 28 n. 20.
Almeid. loco cit.
Mat. 16. n. 18.
Mald. in Ioan. c. 21. n. 15.
Almeid. loc. cit.

5 As palauras que Chriſto diſſe a S. Pedro, quando nelle fundou ſua Monarquia eſpiritual, conforme a gloſa de Maldonado, foraõ eſtas: *Volo nunc ſuper te Eccleſiam meam ædificare*: Quero edificar em vòs minha Igreja. Eſtas meſmas foraõ as palauras, que diſſe ao ſãcto Rey Portugues, quãdo nelle eſtabeleceo ſua Monarquia tẽporal: *Volo in te, & in ſemine tuo Imperiũ mihi ſtabilire*: Quero eſtabelecer em vós, & em voſſos deſcẽdentes meu Imperio.

6 O fim que Chriſto teue na fundação de ſua Monarquia eſpiritual, foi a propagação de ſeu ſanctiſſimo nome por meio do Euangelho: *Prædicate Euangelium omni creaturæ*. Eſte meſmo foi o fim que teue na fundação deſta ſua Monarquia temporal: *Vt deferatur nomen meum ad exteras gentes.*

7 Sancta, & ſem macula he a Monarquia eſpiritual de Chriſto, & delle mui amada: *Chriſtus dilexit Eccleſiam* (diz S. Paulo) *& ſeipſum tradidit pro ea &c. vt ſit ſancta & immaculata*. Aſſi eſta temporal, quiz que foſſe ſancta, & ſem macula de infidelidade & por ſua piedade mui querida: *Erit mihi Regnum ſanctificatum, fide purum, & pietate dilectum.*

8 E ſe finalmente diſſe Chriſto de ſua Monarquia eſpiritual, que durarà atè o fim do mundo: *Ecce ego vobiſcum ſum omnibus diebus vſque ad conſummationem ſæculi*. Deſta ſua temporal diſſe o meſmo, que nunca em nenhum tempo deixaria de a amparar: *Non recedet vnquam ab eis, neque à te miſericordia mea.*

9 Donde infiro para a perfeita ſemelhança, que os Reys de Portugal ſaõ Vigairos de Chriſto na terra no temporal, aſſi como os Pontifices Romanos ſaõ Vigairos de Chriſto na terra no eſpiritual; porque de ambas as Monarquias corre a meſma razão. São os Pontifices Romanos Vigairos de Chriſto na terra no eſpiritual, porque a Monarquia eſpiritual da Igreja he de Chriſto. Fundoua o Senhor para ſi, & naõ para S. Pedro: *Eccleſiã meam*: Seu he o dereito ſenhorio: De S. Pedro sòmente he a adminiſtraçaõ: *Volo nunc ſuper te*. Pela meſma razaõ ſaõ os Reys Portugueſes Vigairos de Chriſto na terra no temporal; porque a Monarquia temporal Portugueſa, eſte Imperio de Portugal he tambem de Chriſto. Fundouo para ſi: *Imperium mihi*: Seu he o dereito ſenhorio: Do ſancto Rey, & ſeus deſcendentes he sômente o gouerno. Eſtabeleceo nelles para que o gouernaſſem em ſeu nome: *Volo in te, & in ſemine tuo.*

10 Mas o que rematou tão perfeita ſemelhãça, o que lhe deu a maior perfeição, & fez que a Monarquia tẽporal Portugueſa em

ſa em tudo foſſe ſemelhante á eſpiritual Romana, foraõ as chaues que Christo deu ao ſancto Rey. As chaues de ſua Monarchia eſpiritual, que deu a S. Pedro: *Tibi dabo claues*, foraõ ſuas ſacratiſſimas chagas, foi o preço de ſeu precioſiſſimo ſangue: *Sanguis Chriſti* (dizia S. Hieronymo) *eſt clauis Paradiſi*: O ſangue de Chriſto he a chaue do Paraiſo. Senhor, paraque eſtas chaues? Paraque? Para conquiſtas eſpirituaes de Reynos, & Imperios eſpirituaes. A Monarchia he eſpiritual; pois ſejaõ eſpirituaes ſuas conquiſtas: Para conquiſta do Reyno do Ceo, para conquiſta do Reyno da Gloria, para conquiſta do Paraiſo: *Tibi dabo claues Regni cœlorum*. Eſtas meſmas chaues deu Chriſto ao ſancto Rey, & ſeus deſcendentes na fundaçaõ deſta ſua Monarchia temporal: *Inſigne tuum ex pretio, quo ego humanum genus emi, compones*. Paraque? Para conquiſtas temporaes. He a Monarchia temporal; pois ſejaõ temporaes ſuas conquiſtas. Como ſe diſſera o Senhor: Tomai (ô Rey Portugues) as chaues da terra, para a conquiſtar, & ſojeitar debaixo do voſſo Imperio, tomai as meſmas chagas, que dei a S. Pedro para conquiſtar o Ceo. Ide com ellas abrir as portas de Africa, ſenhorear o Reyno de Angola, dominar o Eſtado do Braſil. Naõ as largueis por nenhum caſo; porque virà tempo, em que hum Rey famoſo de voſſo ſangue, & de meu nome, Manoel, abrirà com ellas as portas da India façanhoſas, que nem Hercules pode abrir com ſeu poder, que o inferno, & a natureza tem fechadas, paraque ninguem paſſe por ellas, a ver as deſejadas terras do Oriente. Abrirâ a porta medonha, & eſpantoſa do Cabo tormentoſo, que amedrentando aos nauegantes, que por ella paſſaõ, os enchem de grandes eſperanças de conquiſtas. Paſſará adiante abrir as portas do ouro nos rios de Cuama, o grande Imperio de Monomotapa, os ſerrados portos do Màrroxo, os vaſtos Reynos da Arabia feliz, o eſtreito quaſi impenetrauel da Perſia, a coſta fertiliſſima da India, a rica perola Ilha Ceilão, a graõ cidade de Meliapòr, famoſa por ſer do meu Apoſtolo S. Thome, as terras grandioſas de Bengala, o admirauel Pegú, as muitas & grandes fortalezas do Malayo, o Babiloni-co Sejão, Cambòja, & Cóchinchina, o dilatado Imperio da China, as Ilhas de Samàtra, Bornéo & as Malúcas, hũa & outra Iaua, a maior, & a menor, Solór, Timòr, & o Iapaõ, finalmente hum mundo, aonde nace o Sol, & as riquezas.

Mat. 16. n. 19.

Hierony apud S. Thom. opusc. 58.

Fr. Bern p. 1. Chr. de Ciſter, lib 3 c. 3. Vieg. l 4. pag 132. Almeid. da reſtau. de Port. p. 1. c. 5.

11 O chagas precioſas! ò chaues poderoſas! Com muita ra-

zaõ logo suspiraua por ellas o glorioso Apostolo S. Thomé, antes de ir à India prégalas; & com razaõ a India suspira com as mesmas saudades. Desejaua S. Thomé ver as chagas de seu Senhor esclarecidas na resurreiçaõ, como as tinha chorado escurecidas na morte; porque com ellas hauia de abrir as portas da India, para lhe introduzir a fé; & deseja a India ver as mesmas chagas triumphar com arrayaes, & armadas em seus estandartes na resurreiçaõ taõ festejada de V. Magestade, como as vio lastimadas no eclypse da perda de seus Reys Portuguesès, para fechar as mesmas portas aos inimigos da fé.

12. Destes desejos de S. Thomè trata o Euangelho da presente solemnidade com as nouas da resurreiçaõ de Christo, & fauores que delle recebeo; porem com tanta allegoría aos desejos da India, que parece hum debuxo de suas saudades, & das nouas que daqui lhe foraõ da resurreiçaõ taõ festejada de V. Magestade: *Thomas non erat cum eis quando venit Iesus*: Naõ se achou S. Thomè em companhia dos Apostolos, quando lhes appareceo Christo em Ierusalem resucitado. Naõ se achou a India com os Portuguesès deste Reyno quando V. Magestade appareceo Rey acclamado em Portugal. *Dixerunt ergo ei alij Discipuli*: De Christo o disseraõ a Thomè os mais Apostolos: *Vidimus Dominum*: Vimos o Senhor. De V. Magestade o disseraõ á India os Portuguesès, que de cà foraõ com o auiso: *Vidimus Dominum*: Temos Rey. A estas nouas desejou Thomé ver as chagas de seu Senhor, mas gloriosas, resoluto a naõ crer a resurreiçaõ, até as ver, & as palpar: *Nisi videro non credam*. E naõ foi tanto naõ crer, como quererse assegurar. Naõ disse, que queria ver a Christo, tendo delle grandes saudades, mas sòmẽte as chagas: *Nisi videro in manibus eius fixuram clauorum*. No que claramente figurou a India, que dando credito, & festejando as nouas da resurreiçaõ de V. Magestade, naõ a teue por firme, & segura, até ver brilhar em seus estandartes as cinco chagas, que venera com luzes de firmeza, & com resplandores de vitorias.

Ioan. 20. n. 24.

13 Nem falta no Euangelho a allegoría do presente acto; porque diz, que depois de oito dias do tempo da resurreiçaõ vio S. Thomè a Christo em companhia dos mais Apostolos, que eraõ os Grandes da Corte do Senhor: *Post dies octo*; & o que mais noto: *Ianuis clausis*: Com portas fechadas: hum Thomé, a quem Deos fez Portugues por patrocinio, & amor, & naõ por

ſangue. Do tempo da glorioſa reſurreição de V. Mageſtade neſte preſente mes de Dezembro deſte anno de mil ſeiſcentos quarẽta & oito, ſe comprirão oito annos, q̃ a ſagrada Eſcriptura muitas vezes chama dias, como nota o allegorico Laureto: *Poſt dies octo*, em que ordenou Deos, que vindo eu da India com portas tão fechadas para os Miſſionarios eſtrangeiros: *Ianuis clauſis*, mereceſſe ver a V. Mageſtade deſte lugar com os Grandes de ſua Corte.

Lauret. in ſylua allegor. verbo Dies.

14 O que Chriſto fez a S. Thomè foi moſtrarlhe ſeu peito grandioſo, & ſuas liberaes mãos abertas: *Vide manus meas, & affer manum tuam, & mitte in latus meum*, com que o obrigou, a que proſtrado na terra o confeſſaſſe por ſeu Deos, & Senhor: *Dominus meus, & Deus meus*. Iſto meſmo eſpero da grandeza de V. Mageſtade, para poder dizer com S. Thomé como obrigado, o que diſſe jà como ſubdito: *Dominus meus, & Rex meus*: Meu Senhor, meu Rey.

15 Serà pois a materia do Sermão as ſaudades da India, diſcurſando ſobre o Euangelho com o fauor da graça.

AVE MARIA.

TH

THOMAS

non erat cum eis quando venit

IESVS.

Dixerunt ergo ei alij Discipuli:

Vidimus Dominum.

16 GRANDES foraõ as saudades, que Christo remediou em S. Thomé com sua presença, demonstradoras das que teue a India. As primeiras foraõ de seu Senhor, em quem fundaua suas esperanças, as quaes creecerão com as nouas de ser apparecido: *Vidimus Dominum.* As segundas de suas chagas immortaes, que desejaua ver: *Nisi videro in manibus eius fixurum clauorum.* As terceiras de seu diuino lado, em que queria ser admitido: *Et mittam manum meam in latus eius.* A todas remediou Christo, cõpadecido delle pelo muito que lhe queria, & pelo muito que lhe importaua ter hum Thomé, para aumento de sua espiritual Monarchia; porem depois de oito dias: *Post dies octo*: Que ainda Christo, que he Senhor dos tempos, espera pelo tempo, para curar saudades de seus mais queridos, & mimosos. As primeiras, com lhe apparecer: *Venit Iesus.* As segundas, cõ lhe mostrar as feridas immortaes de suas sagradas mãos: *Vide manus meas.* As terceiras, admitindoo em seu diuino lado: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* Semelhantes a estas foraõ as saudades da India. As primeiras de seu Rey, crecidas com a dilaçaõ, naõ breue de oito dias, mas larga, & dilatada de sessenta annos. As segundas das chagas immortaes, que traz em seus estãdartes, desejosa de as ver, & festejar exalçadas na resurreiçaõ, como as vio, & chorou vituperadas na morte. As terceiras de ser admitida em seu amoroso lado, como esposa mais querida, & Rainha mais fermosa, de quem depende toda a fermosura da Monarchia Lusitana. Se estas saudades da India se remediaraõ, como remediou Christo as de Thomé, o discurso presente o mostrará.

Ioan. 20. num. 25.

17 Saudades teue a India de seu legitimo Rey, & Senhor, q̃ a magoàraõ por sessẽta annos. Ay saudades! com quãta razaõ as acõpanhaua com lastimosas lagri-

lagrimas, q̃ como rios sahião continuamente de seus olhos, & com suspiros de seu afligido peito, que chegauaõ às estrellas. Não se vio mais depois que perdeo seuRey Portugues assentada como de antes em throno majestoso, ornada cõ o mais rico doOriente, com os pés sobre as cabeças dos mais poderosos, & soberbos Reys, & Monarchas, que teue a Gentilidade, & a Mourama, pisādolhes os sceptros, & coroas, conquistando Reynos, & Imperios, arruinando Mesquitas, & Pagódes, destruindo os idolos dos Gentios, & sojeitando hum mundo a sua obediencia, & de Christo. Mas assentouse no chaõ, viuua sem esposo, Rainha semRey, Senhora sem magestade, vestida naõ de gala, mas de luto, cercada de muitos, & grandes inimigos, chorando as nouas, que amomentos lhe chegauaõ de lastimosas perdas; porque cõ a morte de seus legitimos Reys Lusitanos, & com a perda delles, perdeo aquelles homẽs taõ famosos, que a conseruauão com seu esforço, & a defendiaõ com seu valor.

18 Quem mais homem que Pedro? Quem mais animoso, & valente, Lugartenente de Christo, primeiro Vice-Rey de seu Imperio, primeiro Vice-Christo na terra? Tão esforçado, que esquecido do remo, empunha no horto animoso a espada, trocando a arte de pescador com a militar, mostrandose soldado taõ valente, & com tanto esforço, & brio, que só sem mais arma, q̃ hũa faca, acometeo pela honra de seu diuino Rey a hum esquadraõ de soldados armados, reforçados com o poder do inferno: *Exemit gladium suũ, & percutiens seruum Principis Sacerdotum, amputauit auriculam eius*. E na fé quem mais fiel? Pois desejaua dar por ella a vida em companhia de seu Senhor: *Etiã si oportuerit me mori tecum, non te negabo*. Ponde isto de parte, não vos passe da memoria. Quem mais fraco que o mesmo Pedro, que de hũa mulherinha fraca, & desarmada se temeo no adro do Principe dos Sacerdotes, de hũa serua, de hũa escraua: *Ancilla?* Quem mais inconstante na fé, que sem constrãgimento, sem prisaõ, ou tormento, para que a negasse, negou tres vezes a seu Deos? No horto Pedro tão valente, que parecia hum Scipiaõ? Mas que digo? Hum Scipião? Parecia hum Portugues, hum daquelles antigos, & famosos, que passáraõ a cõquistar a India, dos quaes deuia fallar Moyses, quando disse em seu diuino Cantico, que hum

Mat. 26. n. 51.

Mat. 26. n. 35.

hum brigaua contra mil, & dous afugentauão a dez mil: *Quomodo persequatur vnus mille, & duo fugent decem millia?* E no adro tão fraco, & pusilanime, como hũa galinha, que a hũa mulher se acouarda? Que naõ sem mysterio lhe disse Christo, que antes de cantar o gallo o negaria tres vezes: *Antequam gallus cantet, ter me negabis*: Porque mostrando fraqueza de galinha, justo era que lhe respondesse o gallo. Là taõ forte, & taõ constante na fè, que beber por ella o caliz da morte, lhe parecia beber hum pucaro de agua: *Etiam si oportuerit me mori tecum, non te negabo*; & cà taõ timido, & couarde, que a nega tres vezes sem tormento! Que mudanças saõ estas de Pedro? Ah! mudanças, & ausencias do Rey, perda de seu legitimo Senhor. Quãdo Pedro no horto se mostrou taõ brioso, & valente, que cõ hũa faquinha fez rosto a hum esquadraõ armado, tinha Rey natural, tinha a Christo consigo, brigaua por seu amor, & brigaria com o mundo todo. Quando se offereceo a dàr a vida por seu sancto nome, protestou, que hauia de ser em sua companhia: *Si oportuerit me mori tecum*: *Tecum*, tendonos comigo. E tendo Pedro Rey natural, era homem, soldado, valente, esforçado, ardiloso, como hum Portuguez; em o perdendo na prisaõ, em ouuindo que acabaua a vida, acabáraõ nelle os brios, & o valor de homem; acabâraõ as valentias, os ardís de guerra, as proezas de soldado, & a constancia na fé.

Deuter. 32. n. 30.

Mat 26. n. 34.

Mat. 26. n. 35.

19 O India! ó India! Què daquelles homẽs taõ famosos do tẽpo de vossos Reys Portuguezes, assombro do Oriente, espanto do mundo, que cõ seu esforço, & valor vos semelháraõ à Esposa dos Cantares, terriuel, & fermosa?

20 Què de aquelles sinalados Portuguezes, porquẽ vos mandou buscar o memorauel Rey da esfera dourada, o Grãde Dom Manoel, o melhor no gouerno, o maior na ventura, o mais glorioso na memoria, para se desposar comvosco, mandandonos vestir de Rainha Catholica, & Christaã, com a opa branca da fé, cõ o sceptro da sancta Cruz, coroada de ministros Euangelicos?

21 Què do primeiro Embaxador de taõ felices desposorios aquelle Vasco da Gama, que leuando no peito o amor de seu Rey por couraça, & por bastaõ o tridente de Neptuno, feito Iosuê em mais de cinco mil legoas de màr, descubrio a noua terra de Promissaõ, & se recolheo com as leys do tributo executadas?

22 Qué do tremendo conquistador o Grande Affonso de Albuquerque, grande entre os grandes Portuguefes, q̃ como raio correndo pelo Norte, & pelo Sul, assombrãdo vossos màres, Persico, Indico, & Malaio, & descorãdo o Már roxo, enfreou o Graõ Turco em Meca, espantou na Persia o Sofy, atemorisou a Arabia, afugentou ao Hidalcaõ, rendeo ao de Pintaõ, & sujeitando tres emporios, Ormuz, Goa, & Malaca, se poz de eterna fama tres coroas na cabeça?

23 Qué do vosso primeiro Vice-Rey Dom Francisco de Almeida, açoute dos Rumes, terror do Melique, espanto do Malauar, corisco abrasador de terras, de cidades, & armadas, com tanta gloria vossa, & assombro dos mais poderosos, & arrogantes Reys de vossos Reynos?

24 Qué dos ardís de guerra dos Lopez, & Siqueiras, as façanhas dos Lacerdas, as proezas dos Noronhas, as victorias dos Sousas, dos Cunhas, & dos Castros, o valor dos Attaydes, dos Menezes, & Pachecos, & o esforço, & gouerno dos famosos Mascarenhas?

25 Qué das grandes, & heroicas empresas, què do zelo, qué da religiaõ do magnanimo Vice-Rey, & Senhor Dom Constantino de Bragãça, que em menos tempo de tres annos, que escassamente gouernou, tomou aos Mouros a cidade de Damaõ, sujeitou a Ilha de Manár, conquistou o Reyno de Iafanapataõ, confundio o Paganismo com o incendio taõ celebrado do dente do Bugio, pelo qual offerecia o Rey Pegú trezentos mil cruzados, & obrou, naõ com prégar, mas com fauorecer (que mais podem muitas vezes os fauores, que os Sermoẽs Euangelicos) a conuersaõ de mais Gentios, do que obràraõ os muitos, & grãdes Vice-Reys que tiuestes?

26 O India! ò India! Què destes Hercules famosos? estes homẽs agigantados, estes gigantes de valentia, homẽs duplicados, semelhantes a aquelles, de quem fallaua Ezechiel: *Homo homo de domo Israel*: Homẽs homẽs. Homẽs, dos quaes diziaõ os Turcos, & os Mouros, que sò podiaõ trazer barbas no rosto, porque só estes eraõ homẽs. O India, qué destes homẽs taõ esforçados? Ay! que parece que me respondes: Acabàraõ cõ seus Reys Portuguefes, que Deos me leuou, sepultaraõse com seus legitimos Senhores: Que se tiuera sempre Reys Portuguefes, tiuera sempre Portuguefes homẽs.

Ezech. 14. n. 7.

mês. Esta falta choro, por esta me lastimo, por esta tenho tãtas saudades de meus Reys.

27 Pinta as saudades da India, & seu lastimoso estado com a falta de seus Reys naturaes o Euangelista S. Ioaõ naquelle homem, de quẽ diz, que trinta & oito annos hauia, que estaua enfermo: *Erat quidam homo, triginta & octo annos habens in infirmitate sua.* Se considerarmos a India desde o tẽpo que adoeceo até o anno de quarenta, em que lhe começou a melhoria com a feliz acclamaçaõ de V. Magestade, acharemos, que se interposeraõ quarenta annos. Porque naõ adoeceo o anno de quinhentos & oitenta, em que passou a Castella; mas antes então lhe pareceo, que encostada à grandiosa aruore do Nabuco Castelhano, cuberta de folhas de esperanças, sem fructo de merces, naõ sabendo que a mandaua Deos cortar por seus pecados: *Succidite arborem*, teria debaixo de sua sombra maior firmeza, & fermosura. Nem taõ pouco adoeceo naquelles primeiros annos, em que com suas Naos a visitou Olanda, a qual vẽdo a Rainha taõ fermosa, se empenhou para se desposar com ella, ajuntando armas, & armadas, para reduzir a Olandesa o q̃ Deos tinha feito Portuguesa á custa de tanto sangue dos mais esforçados deste Reyno. Mas adoeceo no anno de seiscentos, quando se sentio abalada das armas inimigas, quando lhe entrou o frio das heregias, quando lhe começáraõ as febres dos assaltos, quando se vio paralitica, & mortal nas perdas que temia, entaõ adoeceo, quarenta annos antes da resurreição de seu legitimo Senhor, quarenta annos (digo) antes da acclamaçaõ de V. Magestade.

Ioann. 5. n. 5.

Daniel 4. n. 20.

28 Trinta & oito annos de doente tinha este enfermo do Euangelho: *Triginta & octo annos habens in infirmitate sua.* Compadeceose delle o Senhor, & diz lhe: *Vis sanus fieri?* Enfermo quereis saude? Naõ responde o enfermo direitamente á pergunta, mas a causa de sua doẽça; & que diz? *Hominem non habeo:* Senhor, faltame hum homem, dando com isto a entender, que tinha saudades de hũ homem, do qual dependia todo o remedio de seu mal. Tal se me representa a India no anno de 38. enferma de trinta & oito annos: *Triginta & octo annos habens in infirmitate sua*, fraca, sem forças, sem dinheiro, com os comercios quebrados, as alfandegas pobres, sem exercitos, sem armadas, sem armas, & sem homẽs, cercada de muitos inimigos, sentida

Ioann. 5. n. 6.

das

das muitas perdas, recessa de outras, com a candea na maõ agonizando, perto de acabar lastimosamente a vida. India que tendes? Quereis saude? *Vis sanus fieri?* Responde a India com hum lastimoso ay, cõ hum suspiro saido da alma, lamentando com lagrimas mortaes, que como de fonte lhe saem dos olhos: *Hominem non habeo*: Ay, que a causa de meu mal he a falta de hum homem, de quem depende todo o meu remedio. Faltame o Homem que desejo, o Saluador que espero, o Rey Portugues, por quem choro, & suspiro; que se o tiuera, não acabára taõ lastimosamente a vida: *Hominẽ non habeo*.

29 Entra S. Agostinho cõ a delicadeza de seu engenho: Porque o anno de trinta & oito neste enfermo era anno de achaques, & doenças? *Quare numerus ille trigesimus, & octauus languoris sit potius, quam sanitatis?* Porque era anno de falta de hum homem? *Hominem non habeo*. E responde com hũas palauras, que tendoas escritas ha mais de mil annos, parece que as escreuèra nesta era à vista do sentimento saudoso da India. Diz que o anno de trinta & oito era anno de achaques, & doenças, anno em que faltaua hum homem desejado: *Hominem non habeo*: porque lhe faltauaõ dous para quarenta: *Quid miraris quia languebat, qui à quadraginta duos minus habebat?* Boa noua India, boa noua, estai de bom animo. Naõ vos aflija o miserauel estado em que vos vedes, porque inda que vos pareça que morreis, naõ estais taõ mal, que não possais durar dous annos mais. Tendes trinta & oito annos de doente: *Triginta, & octo annos habes in infirmitate tua*: Faltanos dous para quarenta: Como estes se cumprirem, tereis o Homem que desejaes, o Saluador deuido a vossas esperãças, o felice Rey Portugues, por quẽ ha tantos annos q̃ suspirais: *Quid miraris quia lãguebat, qui à quadraginta duo minus habebat.*

August. tract. 17. in Ioan. tom. 9.

Nota, que a acclamação del Rey Dom Ioaõ IV. de Portugal foi no anno de 40. em o qual esperaua a India, & toda a Monarchia de Portugal o Rey prometido.

30 O anno ditoso, ò felice anno, em que chegou à India do Occidente o Sol a tempo que a luz de seus maiores resplandores se hia pondo no Oriente. Alegraiuos India, alegraiuos. Naõ he jà tempo de chorar perdas passadas, mas de festejar nouas presentes, & a expectaçaõ de glorias futuras, com firme posse do que tantos annos esperastes. Deixai o luto, que ha sessenta annos que vestis, enxugai as lagrimas de vossos olhos; porq̃ jà agora naõ sois viuua sem esposo, Rainha sem Rey, Emperatriz, & Monarcha sem Magestade. Ja volteu a primauera

manera de vossas felicidades, o tempo de vossas venturas, o nuncio da paz, semelhante à que deu Christo a S. Thomé: *Pax vobis*. Pararaõ com taõ alegres nouas as armas em Ceilão, os apertos de Columbo, o cerco de Goa, as armadas inimigas no Norte, & no Sul, para que naueguéis Senhora como d'antes vossos màres. Mandaruoshaõ alegres embaixadas os mais arrogantes Reys, & Monarchas dos Mouros, & Gentios, temendo jà como no tẽpo antigo as chagas immortaes de vossos estãdartes. Esta he, ò India, a era, em que resurgiraõ com vosso Rey Portugues, & Monarcha taõ desejado, os Hercules Portuguezes que perdestes; porque està escrito:

Ioan. 20. n. 27.

Sonhaua com graõ prazer,
Que os mortos resucitauão,
E todos se aleuantauão,
E tornauão a renacer.

Bandarra, 110.

31 Tornàraõ aquelles tempos, quando vossos arraiaes, & armadas assombrauão o Indo, espantauão o Gange, atemorisauão o Mâr roxo, tendo se dellas o Rey de Quilóa na costa de Africa, o Turco em Meca, o Imàmo na Arabia, o Xabás na Persia, o Grão Mogolt no Sinde, & em Surrate, o Soltão Badúr em Dio, em Dámão o Chouriâ, o Melique em Cháúl, o Idalxà em Goa, em Onòr o Canarà, o Adarajão cõ todo o Malabàr em Cananòr, em Cranganôr o Samorim, em Cochim o Nàire, em Coulão o Rey de Trauancór, em Columbo o Cingalà, o Naique de Madurè em Totucorim, o de Tanjaor em Nagapataõ, em Meliapòr o Bisnagá, o Rey de Golocondà em Gergelim, em Golim o de Bengàla, o graõ Pegù em Serião, o trédo Achem, & o arrogante Malaio na forte, & gèral cidade de Malàca, os Reys de Amboino, & Malucas nas fortalezas de Ternáte, & de Tidóre, & os grandes Imperios da China, & Iapão na ilha, & fortaleza de Macáo. Tornàraõ, ó India, estes tempos felices, & esta era dourada.

32 Com estas nouas, & com estas esperãças de tornar a ser o que jà foi, se alegrou a India. Com esta voz de ser aparecido seu desejado Rey: *Vidimus Dominum*, apagaraõse as primeiras saudades, mas crecérão as segũdas das chagas immortaes: *Nisi videro in manibus eius fixuram clauorum*, desejosa de as ver em seus estãdartes realçadas na resurreiçaõ de seu legitimo Senhor, como as vio eclypsadas na morte de seu vltimo Rey Portugues. Chama o Real Propheta em espirito à morte de Christo sono, com hũas misteriosas palauras, que

Ioan. 20. n. 25.

por vezes ouui repetir na India aos nossos Portugueses, desde o tempo que là cheguei no anno de 40. demonstradoras das grandes saudades que tinha de o ver resucitado com chagas gloriosas, em socorro, & ajuda de seu pouo: *Exurge, quare obdormis Domine? exurge, & ne repellas in finem. Obliuisceris inopiæ nostræ, & tribulationis nostræ?* Senhor leuantaiuos, para que dormis? Leuantaiuos, & naõ desprezeis nossas rogatiuas. Esqueceisuos de nós em tẽpo de necessidades, & apertos? Cuidei por vezes nestas palauras, admirado de fallarem de hũa morte chamada sono: *Quare obdormis?* De hũa resurreição chamada leuantamẽto: *Exurge*; De hũas saudades acrecẽtadas nos apertos: *Obliuisceris inopiæ nostræ, & tribulationis nostræ?* De hũas palauras ditas por hũ Propheta, & repetidas em semelhante sentido pelos Portugueses da India: os quaes me perguntauaõ quando lá cheguei: Se o Serenissimo Duque de Bragança ainda dormia, & se hauia algũa esperança de q̃ acordasse, para remir a India auexada, & perdida com guerras, & perdas: *Exurge, quare obdormis Domine?* E pasma o entendimento de ver a semelhança, que teue hũa com a outra cousa, o sono de Christo com o sono dos Serenissimos Duques, as saudades do Propheta com as saudades dos Portugueses, os apertos de Israel com os apertos da India, & a causa que tiueraõ para dormir Christo, & os Duques.

Psal. 43. n. 23.

33 A causa que Christo teue para dormir, foi o poder de Cesar, & o medo dos Hebreos. Semelhante foi a que teue, para dormir o Serenissimo Duque Dom Ioão o I. o poder do filho de Cesar, & o medo dos Portugueses. Era Christo legitimo Rey de Iudea, & às claras o dizia: era o Duque Dom Ioaõ o I. legitimo Rey de Portugal, & o dereito era claro em seu fauor. Possuia o Reyno de Iudea Cesar Augusto cõ receios de o perder: pretendia o Reyno de Portugal o filho de Cesar Dom Phelippe o Prudente, filho do Emperador Carles V. cõ deliberaçaõ de o sujeitar. Là temiaõ os Hebreos o poder dos Romanos, se acclamassem a Christo por seu Rey: *Venient Romani, & tollent nostrum locum, & gentem*: Cà temiaõ os Portugueses o poder dos Castelhanos, se acclamassem ao Duque. Por medo dos exercitos Romanos se deliberáraõ os Hebreos de acclamar a Cesar: *Non habemus Regem, nisi Cæsarẽ.* Por medo dos exercitos Castelhanos deliberáraõ os Portugueses de acclamar ao Cesar

Ioan. 11. n. 48.

Ioan. 19. n. 15.

Castelhano, a el Rey Dom Phelippe, & todos para se conseruarem com paz, procuràraõ de extinguir em seus legitimos senhores o titulo de Rey, pondo em esquecimento seu dereito, os Hebreos crucificando a Christo quanto ao corpo, trocandolhe o verdadeiro sceptro pelo de zombaria, os Portugueses crucificando ao Duque quanto a alma, priuandoo injustamente de seu Reyno. Porem o mais a que chegàraõ foi obrigalos a dormir: *Ego dormiui, & soporatus sum*, diz em pessoa de Christo, fallando de sua morte, & sepultura, o Propheta Rey. E quanto dormíraõ? Tres dias mysteriosos. Tres dias dormio Christo, que a Dauid, vẽdoos em espirito, parecèraõ muitos annos, pelas saudades, & desejos que tinha de o ver resucitado cõ chagas gloriosas em ajuda, & soccorro de seu pouo. Nem foraõ de todo perfeitos; porque no primeiro dia dormio na declinaçaõ, quando o dia acabaua, & não no principio, desde sesta feira á tarde, que morreo, até meia noite contase por hum dia. O segundo o dormio todo, desde meia noite de sesta feira, até meia noite do Sabbado. E o terceiro dormio no principio do dia, & naõ no fim, desde meia noite do Sabbado atè o Domingo pela menhaã, em que resurgio. Via Dauid em espirito a Christo, que dormia, & Israel oprimido, esperando as luzes da redençaõ, & as chagas gloriosas de sua liberdade; & parecendolhe tres dias de sono muito tempo, cõ lagrimas, com suspiros, & cõ saudades brada: *Exurge, quare obdormis Domine? exurge, & ne repellas in finem. Obliuisceris inopiæ nostræ, & tribulationis nostræ?* Ah Senhor! depois de tres dias de sono ainda dormis? Leuantainos, leuantainos, naõ enjeiteis nossos rogos. Esqueceisuos de nós em tempo de necessidades, & apertos?

Psal. 3. n. 6.

34 De sorte que tres dias dormio Christo, que ao Real Propheta pareciaõ muitos annos: E tres dias dormíraõ os Serenissimos Duques, tres dias mysteriosos semelhantes a Christo, que à India saudosa, & anexada parecéraõ largos tempos. Quero dizer, que dormíraõ sòmente tres Duques, os quaes representàraõ os tres dias do sono de Christo; porque a vida de hum homẽ (diz o Doutor allegorico) na sagrada Escriptura contaõse às vezes por hum dia: *Dies interdum sumitur pro toto tempore vitæ præsentis: & tota dies est totum tempus huius vitæ.* Assi que a vida de tres Duques, que dormião, cõtãose por tres dias. Nem foraõ

Laurel. sylua allegor. verbo Dies.

raõ todos perfeitos, mas semelhantes aos tres dias do sono de Christo. O Serenissimo Duque Dom Ioão o I. auô de V. Magestade dormio no fim do dia, & naõ no principio, assi como Christo na sesta feira; porque lhe pertẽcia o Reyno na declinaçaõ da vida, varaõ perfeito com muitos annos; mas dormio, naõ o possuio. O Serenissimo Duque Dom Theodosio pay de V. Magestade, durmio todo o dia, assi como Christo no Sabbado; porque desde seu nacimento atè sua morte sempre foy o Reyno seu; mas sempre dormio, nunca o possuio. E V. Magestade dormio no principio do dia, & naõ no fim, assi como Christo no Domingo; porque desde seu Real nacimento no anno de 1604. atè que resurgio no de 1640. por sua feliz, & gloriosa acclamaçaõ, lhe pertẽcia o Reyno, mas dormio, naõ o possuio: *Ego dormiui, & soporatus sum.* A India que nestes tres dias de sono dos tres Duques via as chagas de seus estandartes escurecidas, & mortaes nos apertos da guerra, & perdas lastimosas, desejosa de as ver realçadas na gloriosa resurreiçaõ, que esperaua de V. Mag. & da redençaõ que ainda espera, bradaua, & suspiraua cõ Dauid, com prantos, lagrimas, & saudades: *Exurge, quare abdormis Domine? exurge, & ne repellas in finem. Obliuisceris inopia nostræ, & tribulationis nostræ?* Ah Senhor! serà possiuel esquecerse de nòs em tempo de tantas necessidades, & apertos? *Exurge:* Leuantese; porque naõ he jà tempo de dormir. *Exurge*, para nos acudir, & socorrer, fazendo aparecer em nossos estandartes as cinco chagas de nosso diuino Redemptor com luzes de gloriosa redençaõ, & com resplandores de resgate.

35 *Exurge:* Senhor leuantese, para reparar as muitas Christandades que perdemos em Bengala, Ethiopia, & Iapaõ, & em outras muitas terras, & cidades, que nos tomàraõ os inimigos da Fé, fazendo das Igrejas Mesquitas, & Pagôdes, & pulpitos de heregias, destruindo os Altares, profanando os Calices sagrados, pisando as imagẽs diuinas, & conuertendo os retabolos dos Sanctos, & as Cruzes em lenha para o fogo.

36 *Exurge:* Senhor leuantese, para remir nossas fortalezas, ilhas, & emporeos ganhadas à custa de tanto sangue Portugues. Pois perdeose Ormuz, ilha taõ rica, fortaleza taõ famosa, Reyno duas vezes conquistado, & escala de toda a India, aonde hia a parar o mais rico do ouro, o mais fino da prata,

prata, o mais precioso das perolas, & pedraria, o mais vistoso da seda, o melhor da roupa, o precioso do crauo, a nós, & massa, o mais cheiroso do Sul, & as maiores riquezas do Oriente, com que enriqueciaõ não sô os nossos Reynos de Europa, mas Arabia a feliz, & a deserta, a Persia, Armenia, & Turquia, & quasi toda Asia até Constantinopla.

37 *Exurge:* Senhor leuantese; porque nos tem tomado os Belguistas hereges as ilhas de Amboino, & Malucas, ilhas taõ viçosas, terras taõ ricas, q̃ nos enriqueciaõ com o crauo, que só nellas há, donde tiraõ infinito lucro, para nos fazerẽ maior guerra.

38 *Exurge:* Senhor leuantese; porque se dormir o dia todo inteiro, corre risco perderse de todo Ceilaõ, ilha mui grande de trezentas legoas de circuito, chamada por fermosa, a perola do Sul, taõ rica, que tem os mattos de canella, os montes, & as serras de christal, & pedraria, os rios, & os máres minas de perolas, & aljofar, na qual temos perdido muitas fortalezas, Batecalô, Trichlimalè, Beligaõ, Maturé, Gàlle, Calaturè, & Negúmbo, & corre risco de se perder Colambo cidade principal, & vnica fortaleza que lá temos.

39 *Exurge:* Senhor leuantese; porque se não resurgir cem tempo, perdersehà Malaca, q̃ se acha sem soldados, sem armada, & sem armas, com pouco mantimento, sitiada de inimigos. Malaca chaue do Sul, fronteira da India, fortaleza que faz temer, & tremer todo o Oriente, aonde se perdem os mais esforçados combatentes. Jà a cercão os hereges, jà lhe batem as muralhas, jà a apertaõ com fome, jà a entraõ à escala, jà a rendem, já a sujeitaõ, jà a senhoreaõ. Ay Malaca! Não fallemos nella, porque me quebra o coraçaõ de sentimẽto de a ver perdida á falta de Capitaẽs, & soldados. Prosigamos as saudades da India.

Perdeose Malàca no anno de 1641. àntes que chegassem à India as nouas da felice acclamação de S. Magestade.

40 Grandes eraõ as que tinhaõ das chagas gloriosas de seu diuino Rey, & Redemptor, os dous Discipulos de Emmaus. Tantas, que tendo o presente dianre de seus olhos, fallando, & praticando com elle, por não enxergarem em seu sagrado corpo as cinco chagas da redempçaõ, o não conhecião pelo redemptor q̃ esperauaõ, mas descontentes, & desconfiados desesperauaõ jà de ver a Israel remido, por serem passados tres dias depois de sua morte: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redemptu-rus Israel: & nunc super hæc omnia, tertia dies est hodie, quod hæc facta sũt.* Hiase jà pondo o Sol, figura

Luc. 24. n. 21.

de quem de todo desconfia,& perde as esperanças. Neste tẽpo offerecem a Christo hum paõ. Aceitao o Senhor,& parteo; & em o aceitãdo, & partindo,logo o conhecem, logo manifesta as chagas immortaes da redençaõ, logo se dà a conhecer por redentor: *Et aperti sunt oculi eorum, & cognouerunt eum.* Valhame Deos, por hum paõ,que estes discipulos offerecem a Christo,descobre o Senhor as chagas da redençaõ, & não com as saudades que mostrauão ter dellas! Porque? Para se manifestar hum Rey encuberto redentor como Christo,naõ bastaõ saudades,mas se requerem obras, & offertas de paõ. Este paõ significaua dous reynos de Christo,o da gloria: *Beatus qui manducabit panem in regno Dei*, & o Sanctissimo Sacramento, de quem diz S.Paulino,& Ghislerio,que he o Reyno, de que Christo he Rey. *Christus idem* (diz S.Paulino) *& panis,& regnum est,quo nos saginamur.* E Ghislerio explicando as palauras dos Cantares: *Egredimini, & videte filiæ Sion Regem Salomonem, &c.* diz: *In Eucharistiæ Sacramento, in eadem carne, quam ex Maria suscepit, Christus ipse, & Rex dicitur,& Salamon appellatur.* E offerecendose a hum Rey encuberto, & redentor dous Reynos,ainda que debuxados em hũ paõ, ainda que em figura,& representação,he força que se descubra,& manifeste,mostrando mãos furadas,& peitos rasgados de redentor, & chagas de redençaõ.

Luc.14. n.15.

Paulin. epist.9.

Ghisl. in Cãt.c.3. vers. 11. expos. 2. § id circo.

41 Fomos pois nós,Senhor, os dous discipulos de Emauz, os Portugueses de Lisboa, & os Portugueses de Goa,os deste Reyno,& os da India. Todos tinhamos saudades das chagas da redençaõ. Os deste Reyno desejauão ser remidos dos Castelhanos, os da India dos Olandeses, & hũs,& outros desconfiauamos jà dellas; porque: *Tertia dies est hodie, quod hæc facta sunt.* Cada hum dizia: Hà tres dias,q̃ passamos a Castella,hà tres Duques. O Redentor que esperamos naõ vẽ, não apparece. Não veio em tempo do primeiro Duque, naõ veio no segundo,nem apparece neste terceiro: o Sol se vai pondo,o tempo de vir vai passando, naõ hà mais que esperar. E o Redentor estaua cõ nosco,com nosco andaua,com nosco praticaua, mas eucuberto. Via nossas saudades, & calaua, naõ se descubria. Pois quando se descubrio? quando vimos luzir em nossos estandartes as cinco chagas de nossa redençaõ com resplandores de liberdade? Quando? Quando lhe offerecemos hum paõ de dous Reynos, Portugal, & o Al-

o Algarue, quando lhe dissemos: Tomai senhor este paõ, que vos damos, porque he vosso, então logo que o aceitou, & tomou posse delle, logo que o repartio por seus vassallos com cargos, & mercés, logo o conhecemos por nosso redentor, & vimos as cinco chagas da nossa redençaõ gloriosas com armadas no màr, & com exercitos na terra, com fortes, & fortalezas nas fronteiras, & com victorias nos assaltos, & acometimentos, não ficando forte, ou praça em poder do inimigo Castelhano.

42 Ah Senhor! Ah Senhor! O paõ da India não he taõ pequeno, naõ he sò de dous Reynos, mas de duas Indias; porque a que chamamos India, comprehende duas Indias: *India intra Gangem, & India extra Gangem.* Todos os annos offerecem a V. Mageſtade este paõ os moradores de Goa cõ grandes saudades de ver as chagas gloriosas da redençaõ que esperaõ: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redẽpturus Israel.* (Luc. 24. n. 21.) Naõ dizem, que querem ver seu redentor, porque naõ podem merecer taõ grande bem, de ver a V. Mageſtade; mas cõ o glorioso S. Thomé desejaõ sòmente de ver as cinco chagas da redençaõ, porem gloriosas com arraiaes, & armadas, para crerem que haõ de ser remidos dos inimigos Olandeses, assi como foi remido Portugal dos Castelhanos: *Nisi videro, non credam.* Pois Senhor, se para hum paõ de dous Reynos obrou V. Mageſtade taõ grande redençaõ em Portugal, para hum paõ tanto maior como de duas Indias, porque naõ obrará o mesmo?

43 O que paõ he este, de q̃ Vv. Mageſtades saõ Senhores por conquista, nauegaçaõ, & comercio, para se disporem a comello todo, resgatando o graõ pedaço, que injustamente nos comem os Hereges. O que paõ, que belo, que rico, q̃ gostoso! Desejaõ de o saber? Do cabo de Boa esperãça para dentro, dobrando o promontorio, passando a linha equinocial até o tropico capricorneo, & parando na primeira balisa do Màr roxo, se gosta da testa deste paõ, Sofâla, Cuáma, Monomotapa, Sena, Moçambique, Quiloá, Mombaça, Melinde, Madagaxó, Prestejoaõ, cõ tantas ilhas, fortalezas, & riquezas de ouro finissimo de Maticaẽs, & do que chamaõ Botôngue, grande cantidade de ambar gris, immensa de marfim, & finissimo pao preto, com a grande migalha ilha de S. Lourenço, administrada a Vv. Mageſt. por muitos Reys tributarios.

44 Na

44 Na segunda balisa do afamado estreito de Méca, & Ormús se gosta do bom bocado da Arabia feliz, & da fatia da Persia arrogante com ricas alcatifas de seda, & ouro, que admiraõ, & tãtas ilhas, & fortalezas desde o cabo de Rosalgáte, passando por Mascate, caminho de duzentas & cincoenta leguas de estreito atè Baçorá, aonde vem prostrarse aos pés de Vv. Magestades com tributo do Paraiso terreal os rios Tigris, & Euphrates.

45 Na terceira balisa se gosta o bocado, postoque mais pequeno, mais gostoso, que custou muito sangue em seus celebrados cercos, a fortaleza, digo, de Dio, com o vistoso de varias obras, & brincos de candido marfim marchetados, & com o meolo proueitoso de finissimas roupas, & colchas de Cambaia.

46 Na quarta balisa, na grãdiosa meça de Goa, aonde leua para Vv. Magestades seus mais sabrosos bocados de todas as partes do Oriente o Norte, & o Sul, se gosta o bocado maior da costa da India, correndo de Damão na enceada de Cambaia atè o cabo de Camorim duzentas & cincoenta leguas de costa, com tantas terras, fortalezas, & cidades, abundantes de mantimentos (se bem passaõ a nós por maõs alheas de Mouros, & Gentios, que he a soga, que na India toda nos tem o inimigo na garganta) relatarei sòmente as principaes. Pela parte do Norte Damão, Trapór, Baçaim, Tanà, Caranjà, Bombaìm, Bandorà, Chaúl, cõ o tributo da Galiàna dos Dacanys, districto de Gorobandél, & terras dos Cassabès. E pela parte do Sul, Honôr, Brarçolòr, Mangalòr, Cananór, Cranganòr, Cochim, Coulão, com as drògas da Rainha da Pigmenta, & infinitas migalhas ilhas Maldiuas, cuja riqueza de moeda Quaury, lauada pela natureza, & prestantes cocos, & coquinhos, immenso cairo necessario às armadas de Vv. Magestades em razaõ de cordoalha, naõ he menos grande, que vtil.

47 Na quinta balisa principio dametade deste saboroso paõ, nos fica a vistosa migalha perola da India ilha Ceilaõ, com as migalhas mais pequenas a ilha de Manár, & Reyno de Iafanapataõ de que Vv. Magestades saõ Senhores *iure belli, & hæreditario*, com tantas riquezas, que admiraõ, de canella, marfim, christal, ouro, prata, & pedraria, com muito coral preto, perolas, & aljofar, jacinto, rubàs, safiras, & matistas, & a de muita estima; q̃ cha-

chamão olhos de gato.

48 Nesta balisa fica a costa de Charamandèl, cuja variedade de roupas finas, & grossas, brancas, & pintadas se podéra relatar por curiosidade, senão por grandeza, com as admiraueis riquezas, que lanção de si na rica, & fertilissima enceada de Bengála a graõ cidade de Meliapòr, & Reynos de Bisnagà, Golocondà, Gergelim, Bengàla, arubinado Pegù, & abengalado Tanasse-ry.

49 A vista nos ficaõ as migalhas de Nicobár refugio dos mareantes, que por seus arriscados canaes nauegão, suspirando pelo quarto deste souado, & cheiroso paõ, Malaca, digo, o melhor do Sul, partido em varios, & riquissimos bocados, & migalhas de Reynos, Imperios, & ilhas grandiosas, desde o Reyno de Pèra atè Iapaõ, em que ha muito que ver, que cheirar, que gostar, que palpar, & muito que mandar effectuar no espiritual, & temporal. Gostão Vossas Magestades de ouuir?

50 Eisme posto no alto pico da migalha ilha Pulo botùm, descobrindo este quarto de paõ souado, & cheiroso, começando pelo tributario Rey do Reyno de Péra, regado de rios de calaim, metal cor de prata, de que se faz moeda: o antigo combatente de Quedá com suas migalhas, ilhas, digo, sem conto de pimenta: a afamada Malaca com o Rey Malaio contra ella rebelado, mas com causa (vejaõ lá os que gouernão) em Iohôr, Pahám, & na migalha de Bintáõ: a majestosa Rainha de Patáne: o Babilonico Siaõ em riquezas, & ritos gentilicos, affecto a nossa Sancta Fè, porem com falta de obreiros, Camboja, Cochincina, & o graõ China com sua grande, & immensa copia de açucar, seda, almiscar, tutunàga, ouro, aljofar, perolas, rubis, & finissimos diamantes.

51 E voltando para traz, recolhendo deste quarto de pão tão bello, & tão cheiroso as migalhas, que me cahiraõ de requissimas, & grandiosas ilhas, nos fica muito que ver na grandiosissima do graõ Samàtra, o sempre traidor a Malaca Rey Achem, & o sempre leal nos mores apertos o Rey de Arracàm, o mercantil Manancàbo, o presunçoso Palembàm, o orgulhoso Anderguir, que todos com outros acercão, & pouoaõ, gozando do ouro em pò, & producido em cachos, mais fino que o de Sofàla, & Sofyr, com grande copia de odoriferos paos de calambùco, aguila, & cas-

& caſtùri, por outro nome, pao almiſcar, & mais aboninado beijoim, a melbor tartaùga, mais eſpelhada por natureza, as refinadas bazares, & porco eſpim, minas de tão bàca ſuaça, a mais perfeita algallia, & grande copia da melhor pigmenta, que antigamente enjeitauamos de graça, & hoje abarca, & traz para eſtas partes com grandiſſimos proueitos o Belguiſta herege, que Deos conuerta, & Vv. Mageſtades enfreem, & dominem com ſeu poder: Na graõ migalha Iâua maior o decantado por Camoẽs valente Iào, rico de mantimento, aonde naõ teraõ os Belguiſtas ſua Veneza, ſe V. Mageſtade ſe vnir com eſte Rey ſeu capital inimigo com ſuas armadas, como eſtà pedindo deſdo tempo que gouernaua na India o Vice-Rey Conde de Linbares, para o que ſe obriga a ſair em campo com cem mil Iáos Philiſtheos no corpo, & valor: Na maior, & mais redonda migalha ilha Bornéo os muitos Reys, com riquiſſimos diamantes de roca velha, finas pedras bazares, & tracendente canfora: Na Iáua menor, o ſempre leal, & amigo Sumbanco, poderoſo de gente, mantimento, & dinheiro, alma da guerra: Nas notaueis migalhas ilhas Malûcas, Ambeino, Bànda, Solôr, Endé, Seiraõ, Balle, Thimòr, com ſeu odorifero crauo, nós, maſſa, ſandalo branco, nouas minas de ouro, & grande ſitio na de Thimór, para fundar nella hũa noua Malàca, ſem temor das aues de rapina, que ſaem dos canaes, & portos Olandeſes: E finalmente no mais remoto do Oriente as vltimas migalhas ilhas Iapaõ, com grandes minas, & copia de prata, para enriquecer os homẽs de bẽs temporaes; & de catanas, lànguinatas, & faquijazes, para enriquecer de martyres o ceo.

52. Eſte he, Senhor, o paõ de duas Indias, que offerecem a Voſſa Mageſtade todos os annos os Portugueſes de Goa, tão bello, tão saboroſo, & tão rico, que com não comerem delle os Olandeſes mais que hum pedaço, que nos tiráraõ com as armas injuſtamente, com elle ſoſtentaõ todos os annos taõ grande numero de Naos, & Galiões, que ſempre paſſaõ de cento, & chegaraõ muitas vezes a cento & quarenta para ſima, alem de muitas fortalezas, feitorias, & preſidios, ſobejandolhes ainda muita riqueza, que leuaõ a Olanda. O que glorioſa & heroica empreſa fora, tirarlhe das entranhas com gol-

golpes de espada, & pelouros, o que comérao atégora. Estas saõ as saudades da India, esta a redençaõ que espera, estes os desejos.

53 Bem vejo correr maior obrigaçaõ de acudir á cabeça; porque *Si caput dolet, omnia membra languent*: Se a cabeça deste graõ gigante da Monarchia Lusitana adoecer, padeceràõ todos os membros. Cabeça he Portugal, a que primeiro se deue acudir. Tem o corpo no Algarue, os pès nas conquistas de Africa, os braços no Brasil, & Angola; mas não se pòde negar, que o coraçaõ, parte mais mimosa, de quem depende a vida de toda a Monarchia, he a India, por cuja razaõ pede o lado de seu Senhor: *Et mittam manum meam in latus eius*, que saõ as terceiras saudades.

Axioma.

54 Duas cousas fez Christo nosso bem depois de resurgir. Hũa mandar hũa embaixada a Pedro, & a todo o Collegio Apostolico de sua resurreiçaõ gloriosa: *Dicite discipulis eius, & Petro, &c.* Outra acudir a Thomé perdido, primeiro com o auiso de que resurgíra: *Vidimus Dominum*, & logo com lhe mostrar as chagas gloriosas de suas sagradas mãos: *Vide manus meas*. Nem aqui parou Christo pelo desejo grande que tinha de ganhar a Thomé, mas admitio o em seu amoroso lado: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum*. A Thomé tantos fauores, & a Pedro sòmente hũa embaixada? Si, porque? Para nosso exemplo. Na gloriosa resurreiçaõ de hum Rey, como foi a de V. Magestade, para com S. Pedro, para com o Papa, para com a S. Sè Apostolica, basta hũa embaixada, como fez. Queira Deos, que em breue a aceite, & receba, para bem deste Reyno, como recebeo S. Pedro a de Christo para bem de todo o mundo. Mas para com Thomè, para com a India, naõ bastaõ, Senhor, carauellas de auiso. He necessario mostrarlhe as chagas da redenção nos estandartes, gloriosas de arraiaes, & armadas. E nem ainda isto basta. Conuem, para se não perder, admitila a seu lado, tela no coração com fauores, & mais fauores, com mimos, & mais mimos, rasgando o peito ao amor, porque se acha em estado tão miserauel, que para se não perder de todo, será necessario acodirlhe com grãde socorro, grandiosas merces, & com muita breuidade.

Mar. 16. n. 7.

Ioan. 20. n. 25.

55 O que me admira no Euangelho he resurgir Christo com chagas. Em hum corpo glorioso chagas de ignomia! em hum Rey resucitado chagas de morto! porque? As chagas

gas de Christo saõ as portas da nossa liberdade. Ordenou Deos, que se abrissem no Caluario, para dar liberdade ao mundo catiuo de Lucifer. E portas de liberdade que hũa vez se abrirão, nunca mais se deuem fechar. Estiuerão abertas na morte de Christo, estejão abertas na resurreição, & conseruemse gloriosas por toda a eternidade.

56 Duas vezes abrio Christo a S. Thomé as portas da liberdade, hũa quando o remio, outra quando lhe acudio, para que se não perdesse na cegueira de sua infidelidade: *Vide manus meas, affer manum tuã, & mitte in latus meum*: Que se lhe acudíra, fechandolhe as portas da liberdade, acabarão de perder. Senhor, direi o que entendo, como homem que vem da India neste anno, em que se começou tirar esta pequena liberdade de canella aos mariantes, com que se sustenta toda a India: ordenarà V. Magestade o que for de seu maior Real seruiço. Se ouuer liberdades nas viagẽs da India, terão seus vassallos com que o seruir, mas com esta porta fechada, como se fez neste anno, nem com que o seruir terão, nem ainda com que se sostentar, & a Casa da India, & Alfandegas de V. Magestade terão menor proueito, porque a canella serà cada anno menos, como se vio nestas Naos. Os comercios na India, hũs estão de todo acabados, & outros para se acabarem, & tão atenuados, que se não tira delles lucro de consideraçaõ. Não tem hoje os vassallos de V. Magestade na India outra cousa mais, que hum pouco de ouro que lhes vem de Moçambique, que he muito pouco, & esta pequena liberdade de canella com que respitão, bem limitada, por possuirem a maior, & melhor parte della os Olandeses: com esta se alẽtaõ atè Deos os melhorar. Por falta della os marinheiros vierão taõ pobres, que me lastimou ver na Capitaina S. Lourẽço, em que vim, faltar a quasi todos gèralmente a matalotajem atè o biscouto, de que resultou adoecerem quasi todos, & acabarem muitos a vida; porque posto que se lhe acudisse com charidade, naõ podià ser com tanta largueza, quanta pedia a necessidade, porque ninguem tinha de sobejo. Ouue homem, que escassamente leuaria para sua casa mil reis de interesse, por deuer jà o que recebera na casa da India, pelo muito que se endiuidàraõ, para se remediar na viagem, hauendo seruido a V. Magestade em hũa nauegaçaõ de dez mil legoas de màr para

Ioan 20. n. 27.

para cima de ida, & volta, passando a linha equinocial quatro vezes, & oito, ou sete ao menos os tropicos artico, & antartico, lutando com os vẽtos, & com os màres, expostos ao Sol, & à chuua, sojeitos a outras muitas miserias, em particular ao pestilencial mal de Loanda, tão contagioso, & pegadiço aos que na viagem tem mal, & pouco que comer.

57 Naõ se conseruaõ os estados com rasgarem os Reys as capas dos vassallos, mas antes assi se perdem. Conseruaõse quando para lhas deixarem inteiras, rasgaõ os Reys a propria. Vemolo em Christo, & Thomé. A capa de Christo, diz o venerauel Drogo he sua propria carne: *Palliũ tuum est caro tua*: & para o Senhor ganhar a Thomé, para naõ perder o que tanto desejaua que fosse sempre seu, a rasgou duas vezes, na morte, & na resurreiçaõ, na morte fazendoa pedaços para o remir, rompendoa em muitas partes com chagas, & feridas que sofreo, & na resurreiçaõ, quando lhe disse: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum*. Este he o modo de ganhar a India, este he o meio de a restaurar.

Drogo de Sacram. Domin. Pasion.

Ioan. 20. n. 27.

58 Rematou Christo com Thomê: *Noli esse incredulus, sed fidelis*: Naõ sejais Thomé incredulo, mas fiel. A isto se ordenárão tantos fauores, tantas portas abertas à liberdade, as chagas gloriosas que lhe mostrou, as maõs furadas a liberalidade, o peito rasgado ao amor, o admitilo a seu lado: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum*, foi para que tiuesse fè: *Noli esse incredulus, sed fidelis*. Quizera agora começar a pregar, para gastar neste ponto toda a hora. Mas não quero passar do limite ordinario com demasia, sem embargo de me aduertirem, ser este Sermão de S. Thomé priuilegiado no tempo, a arbitrio dos Prégadores.

Ibidem.

59 O fim, Senhor, que tiuerão os Reys de Portugal auós de V. Magestade no descobrimento, & conquista da India, as muitas mercês que lhe fizerão, os grandes priuilegios que lhe alcançàraõ dos Summos Pontifices Romanos, todos se ordenàraõ a que tiuesse fé: *Noli esse incredulus, sed fidelis*. Em quanto a fê foi em augmento, a India foi India, floreceo cõ arraiaes, com armadas, com victorias, com riquezas, & cõ tudo o mais que podiamos desejar. Descuidouse deste augmento, não se tratou delle como o feruor, & zelo dos antigos Portuguezes, foi logo em declinação, atè chegar ao lastimoso estado ğ choramos.

60 An-

60 Antigamente eraõ muitas as Christandades que se fazião: Hoje saõ muitas as que se perdem. A causa he sabida, & pouco remediada. Antes enchiaõse as Igrejas de conuertidos á Fé, hoje os papeis.

61 Antigamente se deixanão os contratos pelas conuersoẽs; hoje deixaõse as conuersoẽs pelos contratos.

62 Antigamente eraõ rãtos os mimos, & fauores que se fazião aos conuertidos a nossa sancta Fé Catholica, que solicitaua os animos dos que se não conuertião: Hoje he tanto pelo contrario, que os conuertidos se peruertem. Chegamos a tal estado, que mais authoriza a hum Christão vestir touca, & cabaia, como os Gẽtios, como muitos trazem por essa causa, que vestindo ao trajo de Christãos.

63 Antigamente se trataua da conuersaõ dos Infieis com tão grande charidade, & amor que a todo ministro do Euangelho chamauão pay: Hoje em muitas terras, & cidades de Vv. Magestades se faz por vezes com tanto rigor, que mais parecẽ ministros de justiça; pois entraõ pelas casas dos Gentios com violencia, & estrondo, para prenderem seus filhos orfaõs, a quem leuão à força com muitas lagrimas, & gritos delles; & de seus parentes á casa dos Cathecumenos para os instruirem na Fe, podẽdose hauer o mesmo intento por outro melhor modo, sem violencia, & sem lastimas, como algũs fazem, de que nace retrocederem muitos depois de bautizados, & fugirem para a Gentilidade, & Mourama, aonde seguem, & guardaõ a falsa ley de seus pays.

64 Antigamente faziase cõ os Christãos, para se conseruarem na Fé o que fez Christo com S. Thomè: Mostrauãolhes as mãos abertas à liberdade, ao fauór, à esmolla. Não he hoje isto tanto assi. Trocãose muitas vezes as mãos abertas. Acontecem casos que não saõ para este lugar. Relatalos hei a Vv. Magestades em particular, quando sejaõ seruidos de os saber, para os remediarem.

65 Antigamente não se fazia differença no espiritual de homem branco a preto, de liure a escrauo, de Christão velho a rezem bautizado: *Non erat distinctio Iudæi, & Græci: nam idem Dominus omnium:* Que para com Deos muitos brancos tem a alma muito preta, & muitos pretos tẽ a alma muito branca: muitos liures saõ os maiores escrauos do Demonio, muitos escrauos saõ os mais queridos filhos de Iesu Christo:

Ad Rom. 10. n. 12

Christo: muitos Christãos velhos saõ mui nouos, & muitos nouos saõ mui velhos: o interior sò Deos o sabe. Procurauão os zelosos antigos com muito cuidado instruir a todos na Fè, & administrar a todos igualmente os Sacramentos. Hoje Senhores (não o posso dizer sem lagrimas) na gente humilde a ignorancia he muita, a instrucção pouca, a administraçaõ dos sanctos Sacramentos naõ he para todos igualmente, & o remedio difficultoso, por ser a maior parte das freguesias, posto que sojeitas ao Ordinario, de Parochos isentos. Não faltaõ com tudo zelosos, que cumprem com sua obrigaçaõ. Em certa Aldea na ilha de Goa neste anno proximo passado de 1647. socedeo a outro Parocho menos cuidadoso de sua obrigaçaõ hum muito zeloso della. O primeiro por se não cançar, não administraua o Sacramento da extrema Vnção, senaõ às pessoas principaes da Aldea. O successor como bom pastor, quiz administralo a todos géralmente. Notificoulhes a obrigação que tinhaõ de o pedir no perigo da morte. Alvoroçouse a Aldea contra o nouo Parocho, queixandose que lhe impunha nouos preceitos, de que seus predecessores não trataraõ.

66. E que será se disser, que morrem muitos milhares de Christãos sem receberem a sagrada Communhão nunca na vida, nem na morte? Isto he gèral em todas as freguesias da India, assi de Parochos regulares, como seculares. Não cõmũgão em dia ferial, não cõmũgaõ em dia Sancto, naõ em Domingo, naõ em algũa das principaes festas do anno, naõ no tempo de algum Iubileo por géral que seja, nẽ na Paschoa, como manda a S. Madre Igreja, nem ainda na hora da morte, nunca finalmente, dizẽdo Christo Senhor nosso: *Nisi manducaueritis carnem filij hominis, & biberitis eius sanguinem, non habebitis vitam in vobis.* Ioann. 6. n. 54.

67 Quando lá cheguei cõmungauão muito poucos géralmente em todas as freguesias, quando muito a quarta, ou quinta parte dos Christãos, & em muitas muito menos (não fallo da gente branca, filhos, & netos dos Portugueses, mas dos naturaes, a que chamamos vulgarmente Indios Orientaes) vi freguesias de duas, & de tres mil almas, aonde naõ chegauaõ a cento os que cõmungauaõ. A maior raz õ dos Parochos presentes, que assi o fizeraõ os passados: a maior desculpa, q̃ seus fregueses saõ rudes, incapazes

da sagrada cõmunhaõ; sendo que muitos milhares dos que não cõmungaõ saõ Bramanes, & Charaddos, por commum parecer dos mesmos Parochos mais agudos que os nossos Europeos, taõ agudos, & expertos, que lhe chamaõ aguias do entendimento. Afamado he o nome dos Canarins por agudos: Muitos delles quasi sẽ conto nunca cõmungarão; & outros a quem chamaõ Casta baixa, se os naõ quizerẽ Theologos, para receber o Senhor, hũs saõ muito capazes, & outros muito dispostos para o serem, se se instrâirem. Hauerà quem naõ possa saber, se lho ensinarem, que a Hostia consagrada não he paõ, mas o corpo de Christo Senhor nosso, & que o ha de receber em jejum, & em graça? Ah Deus meu, quantos ignorantes, quãtos rudes, & quantos bossaes saõ mais dignos de vos receber, que eu pecador.

68 E se disser, que destes a quẽ daõ a sagrada cõmunhaõ na Paschoa por capazes, lha negaõ na hora da morte! Achei a India em estado, que dos poucos que cõmungauaõ, quasi todos morriaõ sem o sanctissimo Viatico. Hà freguesias donde nunca sahio o Senhor aos enfermos. Em hũa bem grande, que eu frequentaua, no discurso de tres annos não sahio mais que hũa sò vez por grande merce que fez o Parocho a hum enfermo, cõ adoecerem, & morrerem muitos; tantos, que quasi naõ passa dia em que não morra alguẽ.

69 Tem muitos Parochos por grande indecencia leuar o Sanctissimo Sacramento aos enfermos às logeas, & casas humildes, em que viuem quasi todos os naturaes da India, como se Christo viera ao mũdo buscar os Palacios dos Grandes: Hum Deos, que por amor dos homẽs naceo no Presepio, & morreo no Caluario. Mas naõ daõ a razão, porque o não leuaõ às casas dos Grandes, para nellas commungarem os pequenos, assi liures, como escrauos, que seruem a seus senhores.

70 Algũs assi homẽs, como molheres, leuados do desejo de assegurar sua saluaçaõ, para naõ morrerem sem o Sanctissimo Viatico, vaõ meios espirando com risco da vida recebelo à Igreja, aonde vi administrarlhe juntamente a Sancta Vnçaõ. Naõ he marauilha que haja isto aonde hà quem procura as Igrejas por cõmodidade; & de lugares mais authorizados passaõ algũs a ser Parochos, para maior descanso.

71 Deixo o grande numero de freguesias, mòrmẽte de Regulares, que nem o Senhor tẽ. Mui-

Muitas mais sem comparaçaõ saõ as Igrejas Parochiaes nas terras, & cidades de Vv. Magestades, que não tem o Sanctissimo Sacramento, que as que o tem, sendo que manda o Concilio Tridentino, que todas o tenhaõ, para commũgarem os enfermos, em tanto que a sagrada Congregação dos Cardeaes interpretes do mesmo Concilio, diz, que naõ desculpa o costume em contrario, nẽ a pobreza da Igreja, nem o perigo de sacrilegio, senão for taõ euidente, que por muito que o Senhor se guarde, & vigie, cõ tudo tenha risco: *Nec consuetudo excusat contraria, nec paupertas Ecclesiæ, nisi fortè subeat periculum à manu sacrilega, contra quod periculum satis cautum esse non possit per quamuis diligentẽ custodiã.* Que risco corre o Sanctissimo Sacramento nas terras, & cidades de Christãos sojeitas a Vv. Magestades, se estiuer bẽ guardado? Que causa ha para os Parochos Religiosos o não terẽ, para o leuar aos enfermos.

Cõc. Trid. sess. 13. de Eucha. cap. 6. Card. interpet. ibi.

72. O quem me dera aprenderem todos dos de Portugal na administraçaõ dos Sanctos Sacramentos. O quem me dera, que viraõ com seus olhos, para o imitarem, sair o Senhor nesta Cidade de todas as freguesias a todas as horas, de noite, & de dia a momentos, cõ agoa, & Sol, para as logeas, & tendas de gente mecanica, & popular, & casas mui limitadas, & humildes de tantos pobres, para cõmungarem os enfermos, ou por sua deuaçaõ, ou por viatico, quer brancos, quer pretos, cõ a mesma charidade, & acompanhamento, com que sae para os Palacios dos Grandes. O quem me cõcedera, verem a seus mesmos negros Cafres, & Malauares, que trazem todos os annos da India a esta Cidade as Naos de Vv. Magestades. Quem me concedera, digo, verem a estes mesmos negros, a quem negaõ de todo para sempre a sagrada Cõmunhaõ por gente baixa, & boçal, cõmungarem todos infallivelmente nesta Cidade na Paschoa, & no perigo da morte, sem se excluir a nenhum, instruidos por seus amos, & senhores; & se não cõmungarem, os obrigaõ cõ a excõmunhaõ. Como assi! Nesta Cidade Real entra o Senhor nas casas humildes igualmente como nas grandes, para cõmungarem os pequenos por sua deuaçaõ, ou por viatico; & na India repugnão os Parochos com capa, & com pretexto de indecencia! Nesta Corte taõ entendida saõ julgados por dignos, & capazes os mesmos, que a India exclue por incapazes, & indignos! Os mesmos Cafres, os mesmos

Mala-

Malauares se estiuerẽ em Goa, não podem cõmungar nem na vida, nem na morte; & trasplantados com as Naos da India a Lisboa cõmũgão todos? Ah Deus meu (torno a dizer o que jà disse) Ah Deus meu! Quantos rudes, & boçaes saõ mais dignos de vos receber, q̃ nòs, mais capazes, que muitos sabios, & entendidos! Quãtos destes se saluão, quãtos de nós se perdem: *Frequenter contingit* (diz Lirano por sentença de S. Agostinho) *quod simplices, & ignari saluantur, & homines astuti, & litterati damnantur. Vnde Augustinus de Paulo simplice dixit. Simplices, & illiterati rapiunt cœlum, & nos cum litteris trahimur ad infernum.*

Liranus in Luc. c. 16 in expos. moral. n. 22.

73 O que glorioso empenho fora procurar o remedio a tãtas almas. Hum sò pobre estrãgeiro, que se mandou vir da India este anno, o procurou, o solicitou, o effeituou, fauorecido do maior Prelado della na dignidade, zelo, virtude, & letras, Dom Frey Francisco dos Martyres Arcebispo de Goa, Primaz da India, da Seraphica Religião, este indigno subdito de Vv. Magestades. Para isso saõ os Missionarios estrãgeiros na India, & para isso mesmo sucede procurarem lançalos com capa de zelo do seruiço de Vv. Magestades. Lidei, trabalhei com toda a India, sendo o menor de todos, seguindo o conselho de São Paulo: *Pradica verbum, insta opportunè, importunè, argue, obsecra, increpa in omni patientia, & doctrina,* com disputas, com praticas publicas, & particulares, & com muitos Sermões, correndo as freguesias que pude, & em especial com hum, que préguei na Sè Primacial de Goa em dia de *Corpus Christi* do anno de mil seiscentos quarenta & sinco, que o Arcebispo Primaz da India mandou imprimir a este Reyno, para doutrina dos seus Parochos; & aonde não pude chegar com a palaura, o fazia por meio de cartas, & arrezoados, escreuendo a Moçambique, Mascate, Dio, & as principaes cidades do Norte, & Sul, ao Arcebispo de Cranganor, Bispo de Cochim, & aos Gouernadores dos Bispados de Meliapòr, & Macao, de que resultou pôrse o Sanctissimo Sacramento em algũas Igrejas das que o não tinhaõ, & disporemse outras para o terem, originarse dar a todos geralmente a sagrada Communhaõ na Paschoa, tendo os annos de discriçaõ, & o Viatico em perigo de morte, com tão grande feruor, que sómente na Cidade, & ilhas de Goa bem pequenas, & nas terras adjacentes, Salsete, & Bardès, em termo de dous annos

Ad Timoth. 4. num. 2.

pouco mais, cõmungàraõ perto de cem mil pessoas, que nunca tinhaõ recebido taõ alto Sacramento, com muitas conuersoẽs de Idolatras, que só no exterior eraõ Christãos, & de muitos pecadores, como relatão as certidoẽs juradas, & as cartas, que apresentei a V. Magestade do Primaz da India, Patriarcha de Ethiopia, Arcebispo de Mira, Prelados das Religioẽs, Parochos da Cidade, & ilha de Goa, Fidalguia, & Pouo.

74 Não pudera leuar adiante taõ gloriosa empreza sem o braço do Primaz, o qual à minha instancia, com duas prouisoẽs dignas de seu espirito, mandou com preceito de obediencia executar em seu districto a doutrina que nesta materia préguei; & he digno de que V. Magestade lho mãde agradecer, como grande seruiço, que entre outros muitos, tem feito a Deos, & a esta Coroa, encõmendandolhe os progressos della, porque ainda falta muito que remediar, especialmente nas Dioceses, & Bispados, que de presente não tem Prelados.

75 Esta mesma falta, & pecado hà em todas as mais cõquistas de Vv. Magestades fora da India. A muitas pouoaçoẽs de pretos Christãos bautizados, vassallos de Vv. Magestades nos estados de Angola, Brasil, & Cabouerde, & nas conquistas de Africa, nunca em nenhum tempo cõmungaõ, nẽ ainda na hora da morte recebem o Sãctissimo Viatico, o que podẽ remediar Vv. Magestades mandando como tão Catholicos, que se guardẽ nellas as prouisoẽs, que tem mandado publicar em seu Arcebispado o Primaz da India, para que communguem suas ouelhas.

76 O que eu direi para facilitar a empresa, & cõfundir o diabo, que ainda nesta Corte, & Cidade procura com suas silladas desfazer tão grãde bem aos Christãos da India, & impedilo aos das mais conquistas, que he tanta a obrigação de cõmungarem na Paschoa os que tem annos de discriçaõ de qualquer casta, & condiçaõ que sejão, que negala he heregia. O Canone he expresso no Concilio Tridentino: *Siquis negauerit, omnes, & singulos Christi fideles vtriusque sexus, cum ad annos discretionis peruenerint, teneri singulis annis, saltem in Paschate, ad communicandum, iuxta præceptum Sanctæ matris Ecclesiæ anathema sit*. Este Canone tirou na India em meu fauor aos Inquisidores, & a muitos de seu erro, & costume. E nelle se deue aduertir, que a obrigaçaõ de cõmungar começa

Concil. Trid. 13. cap. 9.

nos

nos Christãos com os annos de discrição, & precinde da capacidade, ou incapacidade delles como antecedente, a q se segue como consequente a obrigação de se fazerem capazes da sagrada communhaõ. Estaõ obrigados a se fazerem capazes, *à priori*, porque estaõ obrigados a cõmungar: & estão obrigados a commungar, *à priori*, porque tem os annos de discrição. Porque não diz o Canone, que estaõ obrigados a commungar sòmente os capazes, ou como forem capazes, mas todos como tiuerem os annos da discrição, ou sejaõ capazes, ou incapazes, podendose fazer capazes: *Cum ad annos discretionis peruenerint*, & o contrario he heregia: *Siquis negauerit, &c. Anathema sit.* De sorte que por terem annos de discrição estão os Christãos obrigados a cõmungar: & por estarem obrigados a cõmungar, seguese estarem obrigados a se fazerem capazes da sagrada cõmunhão, & a se disporem para a receber.

77 Mais incapaz da Eucharistia he o pecador, que o ignorante; porque ninguem he mais ignorante que as crianças; com tudo as que forem bautizadas, saõ capazes da sagrada cõmunhaõ; & tanto, que dizem os Theologos, que quando antigamente cõmungauaõ, recebião augmento de graça. Pelo contrario he tão incapaz o pecador, que se cõmungar diz S. Paulo: *Iudicium sibi manducat, & bibit*; nem por isto està desobrigado do preceito, tendo os annos de discrição; mas està obrigado a cõmungar na Paschoa: & por estar obrigado a commungar, està obrigado a deixar o pecado. Estão pois os negros de Angola, os pretos do Brasil, os Christãos naturaes das conquistas de V. Magestades obrigados a cõmungar tendo os annos de discrição, & o contrario he heregia, porque naõ cõmungão os capazes? porque se não instruem os incapazes, para que o naõ sejão, & assi cõmunguem todos?

1. ad Corinth. 11. n. 29.

78 Consultado o Sãcto Padre Innocencio X. que ora preside na Igreja Catholica, sobre as Christãdades da China, por hauer nellas a mesma falta, se estão obrigados a cõmungar ao menos hũa vez no anno, na Paschoa, por serem nouamente bautizados, & tẽros na Fé com outras duuidas de naõ menor consideraçaõ, respondeo que si, com estas palauras largas, mas necessarias, no liuro intitulado: *Quæsita Missionariorum Chinæ*, no numero primeiro, impresso em Roma no anno de 1645. em q comecei a tratar na India de

Innoc. X.

que

que cõmungassem todos os Christãos: *Censuerunt etiam* (a saber os Qualificadores do S. Officio de Roma, a quem Sua Sanctidade remeteo as duuidas) *censuerunt etiam, præfatos Chinenses obligari ad Sacramentalem confessionem semel in anno, & Missionarios huiusmodi obligationem debere eis notificare. Idem prorsus censuerunt quoad Sacram Communionẽ semel in anno sumendam. Quò verò ad executionem tempore statuto, hoc est, in Paschate, id esse intelligendum, nisi legitimum adsit impedimentum, aut graue periculum immineat. Curandum tamen, vt infra duos, vel tres menses ante, vel post, Paschati proximos, quatenus sine discrimine fieri posit. sin minus alio quouis tempore infra decursum vnius anni à Paschate inchoandi, omnino communicent.* Notem as palauras: *Infra decursum vnius anni omnino communicent.* E no cabo manda a todos os Religiosos Missionarios ministros daquella Christandade com excõmunhaõ *latæ sententiæ*, reseruada à Sancta Sé Apostolica, que executem o q̃ no dito liuro se contem. Veja o que falla quem não sente bem de commungarem todos.

79 Ainda há, Senhores, que dizer do que antigamẽte passaua na India, que hoje não hà, & do que hoje hà, que antigamente não hauia, para Vv. Magestades o remediarem. Antigamente eraõ muitos os ministros do Euãgelho: Todos os annos passauão à India Religiosos de todas as sagradas Religioẽs, que lá estão: Hoje saõ muito poucos, taõ poucos que naõ chegaõ a cẽto os que assistem nas terras dos Mouros, & Gentios para a conuersaõ dos infieis, hauendo de sobejo nas terras de Vv. Magestades. Disse cento por maior, que pela conta que lancei, podera dizer cõ verdade muito menos. Há muitos Reynos em que nunca entrou Sacerdote à prégar a Fè, nem se sabe nelles o nome de Christaõ.

80 Antigamente o feruor em todos era grande, porque todos procurauão passar às terras dos infieis para propagar o Sanctissimo nome de Iesu. Hoje este feruor achase em poucos. Em tempo de Castella, o Rey de Macassar na Iàua menor, sendo gentio, mãdou a Maláca pedir Religiosos para se fazer Christão com todos os vassallos de seu Reyno. Des cuidaraõse tãto em lhe acudir, que quando jà foraõ, achàraõ a todos feitos Mouros, porque chegou primeiro hum ministro do inferno, que lhe prégou a falsa ley de Mahomet, na qual obstinadamente perseueraõ. Isto então. Agora depois da feliz acclamaçaõ de V. Magestade pedio tambem o Rey de Pegú Religiosos para seus

ſeus Reynos com certa limitação, por diligencias que fizerão João de Sylua Tello Conde de Aueiras, Viſo-Rey da India, o Primaz, & os Inquiſidores, não foi da Cidade de Goa, pouoada de muitos, mais que hum ſó da ſagrada & Seraphica Religião, natural deſta Cidade, filho da Parochia Real de S. Gião.

81 Antigamente não hauia portas fechadas para eſtrãgeiros miniſtros do Euangelho, mas abertas nos peitos dos Reys Portugueſes, q̃ os procurauão de diuerſas nações, para irem à India a prégar a Fé: *Noli eſſe incredulus*. Hoje mãdãole vir os que là eſtão, ſendo a India tão larga, que não baſtão todos os Sacerdotes deſte Reyno para aſſiſtir hum sòmente em cada Prouincia. Chamo Prouincia a certa parte do Reyno, como cá as Comarcas, & Biſpados. Chamo India menos propriamente do Cabo de boa eſperança atè o Iapão. Vejão os mappas, leão as hiſtorias, recorrão as relações, conformemẽte d os que o virão, que ſe quizerem dizer verdade, mais dirão que eu digo, porque digo menos do q̃ he, aſſi neſte, como nos mais particulares.

82 E q̃ ſerá, ſe diſſer (o q̃ Vv. Mageſtades não deuem ſaber) que podẽ liuremente viuer na India nas terras, & Cidades de Vv. Mag. todo o genero de eſtrãgeiros, ſoldados, & mercadores, Catholicos, & Hereies, vaſſallos, & não vaſſallos de Caſtella. Là entrão os Olãdeſes, là agaſalhão os Ingreſes, là morão os Dinamarca, là aſſiſtem os Franceſes, là cõtratão os Italianos, não faltão tambem Caſtelhanos, que eu vi naturaes de Madrid, & todos liuremẽte entrão, & ſaem como querem, de noite, & de dia, com todo genero de armas, & o que he mais de reparar, que muitos tomão as plantas das Cidades, os ſitios das fortalezas, a altura dos muros, o fundo da barra, conſiderando o modo de ſe poderem cometer, & cercar em ocaſião de guerra, ſem ſe poderem euitar pela conueniencia das treguas, & das pazes que com noſco tem, & pelas muitas fortalezas, & feitorias que na India poſſuem.

83 Ainda direi mais. Se eu, a quem ſe mandou vir por eſtrangeiro, me disfarçára, veſtindo como ſoldado, ou mercador, com hũa gadelha ſobre os hombros, eſpada na cinta, & adaga, & com muitas armas em caſa, fingindo o que não ſou na proſſião, moſtrando o que ſou quanto á patria, dizendo ſer eſtrangeiro Neapolitano, poderei liuremente, & ſem

& ſem contradiçaõ viuer na India, & contratar nas terras de Vv. Mageſtades, comprando, & vendendo, como eu quizer, & me faraõ muitos mimos, & honras os Portuguefes; porem hà de eſtar oculto o Breuiario, eſcõdido o Miſſal, & o Caliz fechado aonde ſe não veja; que ſe o virem, ſe ſouberem que ſou Religioſo, ſe entenderem que profeſſo eſte habito ſagrado, farmehaõ o que fizeraõ, mandarmehaõ ſahir logo da India. Pois como aſſi? Podem viuer na India os eſtrangeiros ſoldados, & naõ podem aſſiſtir nella os eſtrãgeiros Sacerdotes? Podem liuremente viuer nas terras de Vv. Mageſtades os mercadores com contratos de fazendas, & não podẽ eſtar os Miſſionarios, que trataõ sò das almas? Os herejes inimigos da Fè, & não os Religioſos miniſtros da Fè? O homẽs do mundo armados de ferro, & aſſo, amigos por conueniecia, & inimigos no animo, & não os ſeruos de Deos armados de zelo, & deſejo de dàr a vida pela propagação do nome de Ieſu, amigos por verdadeira charidade? Disfarçados ſy, & em ſeu habito ſagrado naõ?

84 E o que he mais para laſtimar, que quanto mais ſe fechaõ as portas da India aos eſtrangeiros miniſtros do Euangelho, tanto mais as abre o demonio aos eſtrangeiros miniſtros das heregias. Fechouas Caſtella em ſeu tempo com grandes apertos, no meſmo tempo paſſaraõ à India os Olãdeſes. Apertou mais, & dahi a poucos annos foraõ os Ingreſes. Apertou mais cõ nouas ordẽs, & foraõ os de Dinamarca. Cõtinuou com nouos, & mais apertos, & forão os Franceſes; & ſe mais apertàraõ, creo que paſsàra à India o mundo todo; porque como Deos a deu aos Reys Portugueſes progenitores de Voſſa Mageſtade para aumento da Fè Catholica, fechandoſe as portas aos eſtrangeiros miniſtros della, permite Deos que eſtejaõ abertas aos eſtrangeiros miniſtros das heregias.

85 Não he a India, Senhores, o que d'antes era, quando de Europa nauegauaõ ſeus mares ſómente os eſtandartes Portugueſes, para poderem fechar ſuas portas aos Miſſionarios eſtrãgeiros, como querem. Nauegão com mais de duzentas vellas de Naos, & Galioẽs todos de guerra, & todos mercantis, muito ricos, & muito bem armados quatro eſtandartes eſtrangeiros, com os quaes podem correr toda a India, ſe quizerem, Olandeſes, Ingreſes, Franceſes, & de Dinamarca; & querem algũs

algũs,que começàraõ nauegar por ella este anno tambem os Genoueses. Para estes quizera eu ver as portas fechadas, & os caminhos impedidos, & não para os Missionarios, dos quaes,posto que estrangeiros, naõ teue nunca delles a India desde que là passaraõ o minimo escãdalo, antes muita edificaçaõ,muitos Martyres,grãde augmento da Fé, & muitas obras de grande charidade. Tambem affirmarei, que naõ he a India a que procura sua expulsaõ, não o Viso-Rey, não o Primaz, menos o Concelho de Estado,nem a Camera,não a Fidalguia, naõ o Pouo,que todos estes bradão, & se queixão; porque com o absoluto destas ordẽs ficaõ em casa os estrangeiros inimigos, & poderosos, & se expulsaõ os amigos,Religiosos mui cõtinuos no seruiço de Deos,& de Vv.Magestades, mui grandes reformadores de seus Cõuentos,mui exemplares na vida,& mui diligentes obreiros da vinha do Senhor. E nem estes saem da India, senão querem, mas mudaõse de hum lugar para outro muito perto cõ pouco seruiço de Vv. Magestades, porque seruindo primeiro a esta Coroa,vão seruir a outra debaixo de outro patrocinio, retirandose ás terras dos Mouros, & Gentios, & muitas vezes tão visinhos às de Vv.Magestades, como fica Almada de Lisboa, diuidindoas hum rio muito estreito. Não he pois a India, naõ os ministros della os que procuraõ que se vão. Pois quem saõ? Os particulares, por seus particulares respeitos com capa de zelo de bem commum. Não se pòde dizer tudo do pulpito. Dilohei,Senhor, a V. Magestade quando ouuer lugar. Lea entretanto as certidoẽs,& cartas que lhe presentei da Camera de Goa, da Fidalguia,do Pouo,com as mais que lhe escreuèraõ pelas vias de V.Magestade o Viso-Rey da India,& o Primaz. E jâ q̃ fallo nesta materia, seja seruido V.Magestade de me ouuir, pois importa a seu Real seruiço. Este particular dos Missionarios estrangeiros, que estiuerem na India, não se ouuera de tratar em Portugal, aonde naõ saõ conhecidos, mas là, remetendoos ao Viso Rey, & seu Concelho de Estado, que là tem,que como presentes sabem o que mais conuem ao real seruiço de V. Magestade, para os Religiosos estrangeiros, que seruem como naturaes,serem amados, & fauorecidos, & naõ lançados fora daquelle Estado; pois nem a hum soldado seruindo bem, se lança por estrangeiro, quanto mais

mais hum Sacerdote? Que se assi se tiuera ordenado, naõ socedéraõ em Goa os escandalos, que todos choramos desde o anno de 40. até o presẽte, socedidos em hũ Conuẽto de Religiosos, mòrmẽte no anno de 45. cõ morte de hũ delles, por falta de seus legitimos prelados muito virtuosos, a quẽ se mãdàraõ sair por estrãgeiros.

86 Hà, ou póde hauer peor estrangeiro que o Diabo? Parece q̃ naõ. Com tudo se viera a este Reyno mandado por Deos pedir passajẽ para a India com zelo do augmento da Fè Catholica, & bem espiritual daquellas almas, lhe mandem Vv. Magestades dár em suas Naos o melhor lugar, & o melhor camarote, porque serà o Anjo custodio da India. Rimse? Mostralohei na sagrada Escriptura. Grande pratica teue Deos cõ o Diabo sobre Iob. Louuaua Deos de virtuoso seruo seu, & o maior sancto de seu tempo: *Numquid considerasti seruum meum Iob, quòd non sit ei similis in terra, homo simplex, & rectus, ac timens Deum, & recedens à malo?* Pelo contrario o Diabo mostraua, que naõ era seu espirito para delle se fazer muita estimaçaõ, porque naõ o experimentára Deos na paciencia, antes o tratára sempre com muitos mimos, & enriquecèra de bẽs tẽporaes; & espirito que se sũda na base de temporalidades, & de fauores da terra, não pòde ser grande, nem durauel, com qualquer aduersidade, ou cousa contraria se perde: *Nonne tu vallasti eum, ac domum eius, vniuersamque substantiam per circuitum? Sed extende paululum manum tuã, ac tange cuncta quæ possidet, nisi in faciem benedixerit tibi.* E passàraõ tanto adiante com a practica, que persistindo o Diabo em sua opiniaõ, de que o espirito de Iob necessitaua de proua, lhe disse Deos: *Ecce in manu tua est, verumtamen animam illius serua:* Eu to entrego nas mãos, tiralhe tudo o que tem, exercitao na paciencia a teu aluedrio, faze experiencia de seu espirito; porem guarda sua alma: *Animam illius serua.* Senhor, que resoluçaõ he esta? Encomendais a alma de Iob ao Diabo? para que tenha cuidado della? Nũca tal Anjo cõ a minha. Entregaia a S. Miguel das Almas, ou ao Anjo de Tobias, ou a qualquer outro do Ceo. Mas a Lucifer? ao Diabo? Que cuidado hade ter da alma de Iob, senão for de a guiar, & encaminhar ao inferno? Que espirito lhe pòde influir, senão o seu mao, & diabolico? Respõde S. Ambrosio: Naõ tenhaõ medo; porque suposto que o Diabo como inimigo nos procura todo o mal, como

Iob 1. n. 8.

Ibidem n. 10.

Iob 2. n. 6.

seruo

ſeruo de Deos farà officio de Anjo de guarda. Porque tem Deos taõ grande poder, que mandandolhe, que tenha cuidado da alma de Iob, para que ſeja mais ſancta, com o exercitar na paciencia, o farà taõ pontualmente, como ſe fora Anjo de ſua guarda: *Nam etſi dederit* (Diz o Sancto Doutor) *tentandi tui Dominus poteſtatem mandat tamen Diabolo, vt animam tuam ipſe cuſtodiat, ſecundum quod ſcriptum eſt: Vt deſtruas inimicum & defenſorem, Tentat enim vt aduerſarius, defendit vt ſeruus.* Duas couſas tem o Diabo, diz Sancto Ambroſio, explicando as palauras do Propheta Rey: *Vt deſtruas inimicum, & defenſorem*, he tentador, & defenſor. Como tentador nos procura todo o mal, como defenſor nos procura todo o bem: *Vt deſtruas inimicum & defenſorem*: Como inimigo nos tenta, como ſeruo de Deos nos defende: *Tentat vt aduerſarius, defendit vt ſeruus*: Como eſpirito mao guiarnoshà ao inferno, como miniſtro de Deos encaminharnoshà para o Ceo: Por ſua maldade farà officio de Diabo; mas por ordem diuina farà officio de Anjo cuſtodio: *Nam etſi dederit tentandi tui Dominus poteſtatem, mandat tamen Diabolo, vt animam tuam ipſe cuſtodiat*. E aſſi exclama o Sancto Doutor no liuro *de Pœnitẽ*.

Ambroſ. in Pſal. 37.

Pſal. 8. n. 2.

tia, tratando o meſmo ponto: *Quanta vis Chriſti, vt cuſtodia hominis imperetur, etiam ipſi Diabolo, qui ſemper vult nocere*: Quaõ grande he o poder de Chriſto, que manda ao Diabo, que nos procura todo o mal, que aſsi guarde noſſas almas, como ſe fora o Anjo de noſſa guarda: *Vt cuſtodia hominis imperetur, etiam ipſi Diabolo, qui ſemper vult nocere*. Pois ſe o Diabo, ſendo o peor eſtrangeiro que pòde hauer, eſpirito infernal, & o mais declarado inimigo que temos, ſe for mandado por Deos à India tratar da ſaluação das almas, & de ſeu maior bem eſpiritual, o fará como ſe fora ſeu Anjo cuſtodio, como o não farà hum eſtrangeiro Sacerdote, Anjo de Deos por officio, amigo por graça, ſubdito de Vv. Mageſtades por affecto, que deixa a patria, parentes, & amigos, & os regalos, & mimos de Italia jardim do mundo, para dâr o ſangue, & a vida pelo augmento de noſſa ſancta Fé. Ah Deos meu, vôs que ſabeis a verdade do meu animo, & conheceis quãto neceſſita a India de miniſtros do Euangelho, inſpirai aos coraçoens dos Reys o que he tanto voſſo, & ſeu ſeruiço.

Ambr. de Pœnit. l. 1. c. 13.

87 Parecerà a alguem q̃ fallo por intereſſe. Sy Senhores,

ſy, por intereſſe fallo, mas naõ outro que o do ſeruiço de Deos, & de Vv. Mageſtades. Pobre fui à India, & pobre cheguei a Portugal. Pobre fui á India por terra de Roma, paſſando por entre Turcos, & Arabios, atraueſſãdo o Deſerto, entrando por Babilonia, & pela Perſia, ſempre entre inimigos com eſte habito ſagrado, padecendo muitas neceſſidades, até chegar a Goa: & pobre voltei a Portugal nas Naos de Vv. Mageſtades, debaixo da diuina Prouidencia, rico sòmente de deſejo de dàr a vida pela Fè Catholica, & cõuerſaõ dos infieis, a cujo fim quizera voltar à India cõ hum exercito de meus Religioſos, tão pobres como eu, ricos só de zelo da ſaluaçaõ das almas, armados sò de Calices para o ſancto ſacrificio da Miſſa. Eſtes ſaõ os diamantes, eſtas as riquezas que pretendemos da India os eſtrangeiros Miſſionarios da ſancta Sè Apoſtolica, Religioſos Italianos da minha ſagrada Religiaõ, Theatinos pobres da diuina Prouidencia. Eſte he o intereſſe que tenho, & naõ outro; eſte o fim porque fallo, & o que peço a Deos, & a Vv. Mageſtades. Para com Vv. Mageſtades me valha ſua piedade Chriſtaã, & ſeu Catholico zelo da conuerſaõ dos infieis, principal intento dos Reys de Portugal progenitores de V. Mageſtade no deſcobrimento da India. Para cõ Deos valeime vós glorioſo Apoſtolo S. Thomè, valhame a voſſa interceſſaõ, os voſſos merecimentos, & me valha tambem a verdade com que fallo, & a tençaõ taõ pura, taõ recta, & taõ juſtificada que tenho no que digo, & no que pretendo.

88. Bẽ vedes (Miſſionario diuino) o eſtado eſpiritual da India, o como eſtá falto, & quãto neceſſita de miniſtros Euãgelicos. Hũa vinha taõ diſtãte, & taõ dilatada do Senhor quanto lhe ſaõ neceſſarios obreiros que a cultiuem: *Meſsis quidem multa, operarij autem pauci:* A tarefa he muita, mas os obreiros poucos. *Rogate ergo Dominum meſsis* (dizia Chriſto) *vt mittat operarios in meſſem ſuam:* Rogai ao Senhor da ſega: rogai vós Sancto a Deos, que mande à India os obreiros, q̃ forem de ſeu maior ſeruiço, para que nella creça a Fé, & ſe augmente a piedade Chriſtaã.

Matt. 9. num. 37.

89 Preſente tambem vos eſtà ſeu eſtado temporal taõ oprimido com guerras, taõ atenuado com perdas. Ponde nelle os olhos, para que torne a ſer o que já foi em tempo de ſeus Reys Portugueſes; pois

ſe

ſe torna a ver poſſuida de Rey Portugues tão deſejado, tão ſuſpirado. A India glorioſiſſimo Apoſtolo he vnica filha voſſa, vòs a bautizaſtes, vòs lhe déſtes o primeiro leite da Fé, vòs a nutriſtes com o ſancto Euangelho, & vós foſtes o que a deſpoſaſtes com Portugal, dandolhe em dote voſſo proprio ſangue. Como filha voſſa remediai as grandes ſaudades que tem, remediando as muitas neceſſidades que padece. Não permitaes que entre a confuſaõ das treuas laſtimoſas quando viuua de ſeus legitimos Reys com os apertos, & miſerias, que por taõ largos annos a afligiraõ, chore, & ſe laſtime; pois neſte miſtico Ceo Portugues naceo ſeu Sol, appareceo ſua Lua, digo, ſeu Rey, & Rainha, ſeu deſejado eſpoſo, ſeu ſuſpirado remedio. Conſeruai eſte eſpoſo, perpetuai eſte amparo, de que depende toda ſua fermoſura, & alegria. Fazei, que eſtes ſoberanos Planetas ſempre reſplandeçaõ, para que allumiem com ſeus raios a India. Là nace o Sol, & amanhece o dia em Portugal: Là nace a Lua, & manda logo os raios de ſua luz a eſte Reyno. Aqui naceo o Sol da India, aqui appareceo ſua Lua; & todauia não chegou ainda lá ſua luz, ainda he noite, & noite muito eſcura, ſem raios que a allumiem, ſem reſplandor que a alegre.

90 Naceraõ, Apoſtolo diuino, cinco fermoſiſſimas eſtrellas á roda deſtes Planetas de cinco Sereniſsimos filhos, para coroarem eſta voſſa filha. Pondeos todos como em cinco epiciclos nas cinco chagas que adoraſtes em Chriſto, para que conſeruem ſua fermoſura, por muito que o mundo eſcureça. A eſtrella maior do Sereniſsimo Principe ponde na chaga maior de ſeu amantiſsimo peito. Que ſe ſe abrio no Caluario, para ſojeitar hum mundo a ſeu eſpiritual imperio, & ſe abrio ſegunda vez, para render voſſo eſpirito, abraſe terceira vez por voſſa interceſſaõ, para que goze o mundo neſta maior eſtrella hum grande Monarcha. Os dous Sereniſsimos Infantes ponde nas chagas das mãos, para que participando de ſeu poder, ſejaõ dous valeroſos Capitães grandes defenſores de ſua Igreja, hum no Oriente, outro no Occidente. As duas Sereniſsimas Infantas pōde nas chagas dos pés, para que tenhaõ a fermoſura da ſagrada Eſpoſa, de quem dizia ſeu diuino Eſpoſo: *Quam pulchri ſunt greſſus tui in calceamentis, filia Principis*, fazendoas ſeu diuino Senhor tão fermoſas

Cant. 7. n. 1

na alma, como as debuxou nas partes do corpo, com muitas prosperidades, & grandezas, Dainos a todos vossa bençaõ: Aos Reys, & toda casa Real, defendendoa de inimigos: Aos vassallos, emparandoos nos encontros, & batalhas, no mar, & na terra: A India, restituindolhe sua antiga felicidade, & fermosura: A todo este nobre auditorio, alcançandolhe os bẽs da alma: E a este indignissimo seruo vosso Missionario, communicandolhe vosso espirito Apostolico, com muita graça, penhor da gloria. Amen.

(:?:)

LOVVADO SEIA O SANCTISSIMO SACRAMENTO.

E a Immaculada Conceição da Virgem Maria S.N.

SAVDADES
DA INDIA,

MANIFESTADAS AS MAGESTADES
DE PORTVGAL

Na ſolemnidade do glorioſo Apoſtolo
S. THOME,
Aos 21. de Dezembro de 1648.
EM A CAPELLA REAL.

PELO R. P. DOM ANTONIO ARDIZONE
CLERIGO REGVLAR,
Theatino da Diuina Prouidencia,
NEAPOLITANO,
Doutor em a Sagrada Theologia, & Miſſionario
Apoſtolico na India Oriental.

LISBOA.
NA OFFICINA CRAESBEECKIANA.
Com todas as licenças, Anno 1652.